

# O GRITO DO POVO

REPRODUÇÃO PARA O EXTERIOR

ORGÃO DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA

MARXISTA LENINISTA PORTUGUESA

Nº 19 OUTUBRO/NOVEMBRO 1973  
PREÇO 1 Fr. 1088

PROLETÁRIOS DE TODOS  
OS PAÍSES UNI-VOS!



*EDITORIAL: OUTUBRO DE 1917  
o capitalismo tremeu de alto a baixo!*



**ALBÂNIA** VIVA O 29º ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA POPULAR DA ALBÂNIA.

página 35

**CHINA** 2º ANIVERSÁRIO DA VITORIOSA ENTRADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA NA O.N.U.

página 35



## SUMÁRIO

- A LUTA CONTRA A FANTOCHADA ELEITORAL pág. 12
- A LUTA REVOLUCIONÁRIA NA MARINHA GRANDE pág. 14
- O POVO EM LUTA pág. 17
- CHILE, O POVO TEM O SEU PRÓPRIO CAMINHO pág. 29
- ENTREVISTA COM OS 5 MARINHEIROS QUE DESERTARAM NA DINAMARCA EM SETEMBRO última página

# EDITORIAL

OUTUBRO DE 1917. O CAPITALISMO ESTREMECEU DE ALTO A BAIXO

Na Rússia os Sovietes tomaram conta do poder. Pela primeira vez na história a classe operária à frente de todo o povo explorado e oprimido, vítima da miséria e da guerra, levantou-se unida sob a direção de um Partido Bolchevista e iniciou uma nova fase na vida da Humanidade, dando o primeiro golpe de morte nos inimigos do proletariado e dos povos.

Com a Revolução Soviética de Outubro de 1917 iniciou-se a construção do socialismo na União Soviética terminando com os enormes sofrimentos dos povos soviéticos e mostrando aos povos de todo o mundo o caminho exemplar que os havia de guiar por dezenas de anos.

A vitória da Revolução Bolchevista foi o resultado de uma longa luta que através de toda a Rússia mobilizou as largas massas do povo, operários, camponeses e soldados e desencadeou na noite de 24 para 25 de Outubro a insurreição de todo o povo sob a palavra de ordem do Partido do grande Lenine: "TODO O PODER AOS SOVIETES DE DEPUTADOS OPERÁRIOS, CAMPONESES E SOLDADOS".

A insurreição alçou a toda a Rússia, e os reaccionários agrupados em torno do governo provisório de Kerenski foram aniquilados e tiveram de desaparecer por muitos anos da História da União Soviética.

A Grande Revolução de Outubro foi uma grande vitória de todos os explorados e oprimidos, foi uma grande vitória do proletariado mundial, foi uma grande vitória da teoria científica da classe operária — O MARXISMO-LENINISMO.

Desde então qualquer Partido de vanguarda da classe operária, para dirigir a luta revolucionária até à vitória, até à libertação dos explorados e oprimidos, tem de se armar com a experiência adquirida na luta pelo grande Partido Comunista (bolchevista) da União Soviética.

Lenine e Estaline foram os grandes guias do povo soviético, foram os fundadores e principais dirigentes do Partido Bolchevista e do Estado Soviético.

As obras de Lenine e Estaline vieram juntar-se às de Marx e Engels e trouxeram um novo e enorme contributo à teoria científica do proletariado, guia de todos os explorados e oprimidos na luta difícil e dura contra a ditadura burguesa reaccionária e criminosa.

Depois da morte do grande Estaline, a quadrilha das ratazanas revisionistas, apoderou-se do aparelho do Estado e do Partido soviético, começou a reconstrução do capitalismo da União Soviética e desencadeou um ataque criminoso e traiçoeiro contra todos os comunistas, contra todos os povos livres do mundo e contra a

teoria libertadora da classe operária — o marxismo-leninismo. A partir de então a Rússia deixou de ser o principal baluarte da revolução no mundo, deixou de ser o principal exemplo da construção do socialismo.

No XXº Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956 são desferidos contra Estaline ataques traiçoeiros que os revisionistas nunca ousaram fazer durante a vida do grande dirigente comunista, ataques esses que constituem um insulto e uma traição contra todos os proletários e povos do mundo.

Estaline foi o grande guia da reconstrução da pátria, da edificação socialista, da defesa do povo soviético e do mundo contra a asquerosa besta nazi.

Os criminosos exércitos nazis que avançavam por toda a parte, espalhando a morte, a destruição, a humilhação e o terror tiveram de parar em Estalinegrado detidos pela enorme força do povo soviético e do heróico Exército Vermelho Soviético que, dirigido pelo marechal José Estaline, dia a dia, mês a mês aniquilaram todas as divisões de infantaria, todas as divisões blindadas, todos os ataques aéreos dos nazis, tendo modificação da face da guerra, levando a Alemanha à derrota.

Atacando Estaline, os revisionistas modernos atacaram Lenine e o marxismo, atacaram toda a gloriosa história do Partido Bolchevista, da classe operária e do povo soviético, entraram numa linha de pactuação com o imperialismo, iniciaram a colaboração de classes com as forças reaccionárias do mundo, lançando-se ao lado dos imperialistas americanos, na via social-imperialista de pilhagem, conquista e opressão dos povos

Usurpando o prestígio de que gozava o Partido Comunista da União Soviética, mas encarando-se de marxistas-leninistas, de revolucionários, os revisionistas russos conseguiram impôr à maioria dos partidos comunistas de todo o mundo, saídos da III Internacional Comunista (de Lenine e Estaline) a sua linha anti-proletária, reaccionária, social-fascista — socialista em palavras e fascista na prática.

Agarrando com toda a firmeza a bandeira vermelha do comunismo, do internacionalismo proletário, o grande Partido do Trabalho da Albânia, e o grande Partido Comunista da China, dirigidos pelos indomáveis marxistas-leninistas Enver Hoxha e Mao Tsé tung, delinearão e lançaram para todo o mundo a linha da defesa dos interesses do proletariado mundial, iluminando o caminho a seguir pela vanguarda da classe operária de todos os países.

A partir daí a República Popular da

China e a República Popular da Albânia passaram a ser os exemplos vivos do socialismo.

Os povos da China e da Albânia passaram a ser os exemplos vivos para todo o

mundo dos povos que marcham na vanguarda. O Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia passaram a ser os exemplos vivos de Partido de estilo bolchevista.

#### ARMEMO-NOS COM UM ESTILO BOLCHEVISTA DE TRABALHO E DE ORGANIZAÇÃO

A tarefa central da nossa organização é reconstruir o Partido de vanguarda do proletariado. A nossa Organização através de vários anos de prática organizativa e de implantação nas massas tem dado importantes passos em frente no seu aperfeiçoamento e aproxima-se o dia em que um verdadeiro estilo bolchevista organizativo e de trabalho a caracterizarão. Quando esse estilo de organização e de trabalho permitir a conjugação de todas as forças do proletariado e a unificação da sua vanguarda estaremos às portas da reconstrução do Partido

Entretanto, difíceis e trabalhosas tarefas há ainda a fazer. Essas tarefas, da organização comunista da vanguarda do proletariado, de ligação do comunismo com o movimento de massas e de organização das massas são as tarefas centrais da O.C.M. L.P. (O Grito do Povo) neste momento.

Em Portugal, onde há tradições de luta e bases organizativas, onde despontam das massas novos elementos de vanguarda que é necessário transformar em comunistas, onde as massas enfrentam condições de exploração e de miséria elevadas ao extremo, é necessário saltar decisivamente do estado artesanal da Organização para um estado científico, concordante com os princípios de Lenine, Estaline e Mao Tse tung.

Na nossa organização, o artesanismo e seus métodos primitivos, foram inevitáveis e legítimos. A Organização não caiu do céu não nasceu de nenhuma outra organização, não teve (nem poderia ter) "chefes especialistas" que a impedissem de ser no início uma Organização artesanal. Dentro disso porém, sempre esteve presente a necessidade de submeter todos os avanços ao estilo marxista-leninista-maoísta e ao esquema bolchevista de partido.

Se a Organização de início não podia ser científica, pois só a partir da sua própria prática ela se podia aperfeiçoar, só a partir da prática os seus quadros se podia formar num estilo marxista-leninista-maoísta, hoje ela já não pode prosseguir com os métodos primitivos, e também já não precisa de se submeter a esses métodos.

Quando se pretende formar uma vanguarda na luta de massas e no trabalho sistemático junto das massas, quando se pretende construir na luta de massas o Partido da classe operária, se, logo que possível, não se põem em prática as medidas políticas necessárias para fazer corresponder a nossa Organização às necessidades da ligação do marxismo-leninismo à prática, então o destino desse trabalho seria a falência total e o futuro dos quadros estaria na cadeia.

Os comunistas são revolucionários de vanguarda, isto é, marcham à frente da Revolução, comandam-na, levam-na pela via do marxismo-leninismo até à vitória. Nós somos comunistas, somos revolucionários desses. A nós cabe organizar a vanguarda da classe operária, cabe dirigir a Revolução, unir todo o povo sob a bandeira vermelha do proletariado e destruir todos os inimigos até à derrota total da burguesia e até ao fim da sociedade de classes. É necessário termos isso bem presente em todas as nossas acções e em todas as medidas políticas que tomarmos. É necessário ver sempre em todos os nossos actos se estamos ou não a agir dentro dos ensinamentos de Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tse tung.

Se estivermos a agir segundo o marxismo-leninismo, aproveitando para a nossa prática a experiência de toda a classe operária e de todas as revoluções, se estivermos a pôr ao serviço da luta do nosso povo as lições colhidas dos sacrifícios de milhões de outros revolucionários, então poderemos ter a certeza de que o futuro do nosso trabalho não será a falência mas sim a vitória, que o futuro dos nossos quadros não é a cadeia mas sim a luta no seio das massas.

A tarefa que se põe hoje aos comunistas portugueses obriga-os a abrir os horizontes do seu campo de vista, obriga-os a olhar para todo o povo e para toda a classe operária. Construir o Partido não é nenhuma tarefa que se possa cumprir dentro de qualquer estilo de rotina. Construir o Partido é uma tarefa que exige de todos os militantes uma atenção cuidadosa sobre todos os factos políticos que dizem respeito ao pro-

NOTA: na Rússia czarista antes da Revolução, o calendário oficial era diferente do calendário usado no ocidente, andava atrasado em relação a este 13 dias, por isso a Grande Data do 25 de Outubro, no nosso calendário é a 7 de Novembro

letariado de Norte a Sul, que dizem respeito à Revolução de todo o povo, que dizem respeito ao movimento marxista-leninista em Portugal e que dizem respeito ao comunismo de modo geral.

Se conservarmos as vistas estreitas, só olhamos só para o nosso trabalho, embora tenhamos o cuidado de o realizar da melhor forma possível, estamos a esquecer o ensinamento do camarada Mao que nos diz que é necessário "submeter a parte ao todo". Este ensinamento é fundamental quando formamos organismos pró-Partido em diferentes regiões. Sem dúvida que a tarefa desses organismos é lançar e organizar o trabalho comunista nas respectivas regiões, mas enquanto organismos de uma Organização pró-Partido a sua principal responsabilidade é defender e aperfeiçoar a nossa linha geral, a de participar com os seus pontos de vista colhidos no trabalho de massas e no estudo do marxismo-leninismo aplicado à prática; na elaboração da estratégia, das táticas e dos métodos dos marxistas-leninistas em geral.

Sabemos por experiência própria que é fácil um militante perder-se no seu trabalho concreto, principalmente quando se vive numa aldeia ou pequena cidade, quando está rodeado por tarefas morosas, quando não está directamente ligado à agitação que reina nas grandes concentrações do proletariado urbano, quando não está directamente ligado aos problemas concretos que levanta a luta contra as outras organizações que se dizem comunistas, marxistas-leninistas, maoístas, quando está entregue ao trabalho de uma grande fábrica, complicada e onde as massas são politicamente virgens, é fácil um militante esquecer-se que dele não só depende o trabalho concreto dele mas também o trabalho geral da Organização, que dele depende a vida da Direcção.

Contra isso, são urgentes medidas.

Por outro lado, sabemos também por experiência própria como é difícil aplicar à nossa situação concreta, sobretudo quando o trabalho está atrasado, as palavras de ordem da Organização, as medidas políticas adoptadas e mesmo o pensamento Mao Tse tung. É fácil ler a nossa propaganda, estar inteiramente de acordo, mas pensar que ela é fruto de sectores muito mais avançados que o nosso, que é para servir sobretudo em sectores muito mais avançados que o nosso, etc...etc.

Contra isso, são urgentes medidas.

Sabemos também por experiência própria como é difícil fazer avançar o trabalho nas regiões onde ele está muito atrasado, como é difícil politizar e organizar as massas, como é difícil levá-las à luta, e

como nessas condições é fácil penetrar o pessimismo, a passividade, a espera por "certas condições", a rotina.

Contra isso são urgentes medidas.

A formação de Comités pró-Partido regionais é uma dessas medidas. Com a sua formação pretende-se reunir os camaradas mais experientes, mais activos, mais lúcidos, mais capazes, para pôr em prática em plano de revitalização de toda a Organização, de activação do trabalho de massas, de aperfeiçoamento do nosso esquema organizativo, de adopção de métodos de trabalho marxistas-leninistas, maoístas.

Por si só, a formação de comités pró-Partido resultaria uma medida burocrática se não correspondesse à aplicação de novos métodos de trabalho e de organização.

Desde já, temos de prestar a máxima atenção a certos aspectos de trabalho que demarcam o marxismo-leninismo das vias incorretas do artesanismo, do burocratismo e do revisionismo.

A questão da centralização do trabalho comunista e da subordinação da parte ao todo; a questão do controle do trabalho comunista e da responsabilidade dos militantes; a questão da disciplina militante, da crítica e da auto-crítica; a questão da planificação, do lançamento planificado da Organização, em todas as regiões e em todos os sectores revolucionários; os princípios da compartimentação e as regras da segurança; a necessidade de iniciativa a todos os níveis de trabalho; o inquérito às massas; a análise concreta da situação concreta; a multilateralidade na análise das questões que se põem aos comunistas; a participação dos militantes e organismos na elaboração da linha política da Organização, a questão de ligar a teoria à prática na elaboração da nossa linha; a formação de quadros na luta de massas, a nossa concepção de vanguarda e da ligação da vanguarda às massas.

Sem centralização não há trabalho comunista, sem centralização não há Partido. A compreensão deste princípio parece aparentemente fácil, no entanto, quando se trata da sua efectivação prática as dificuldades surgem e são múltiplas. Para centralizar o trabalho de todo o país não basta pôr em contacto alguns elementos das diversas regiões, não basta fazer reuniões de coordenação. Para haver centralização é necessário haver um espírito vivo de entre ajuda, é necessário que cada militante compreenda a necessidade que tem de fornecer a toda a Organização (por isso, ao centro) a sua experiência e o resultado do seu trabalho. Para isso não basta fazer relatórios descritivos que vão directamente da base ao centro, é necessário que os camaradas que →

directamente controlam um determinado sector analisem o trabalho desse sector, elaborem dados, tirem lições, façam balanços, sintetizem as experiências. Sem centralização, além de não haver coordenação do trabalho em cada região, o que provoca erros, confusões e em si pode ser mesmo um desvio, (federalismo) é impossível haver uma efectiva direcção que se apoie no trabalho efectivo de cada região, pois uma Direcção central tem de trabalhar sobre dados elaborados em que esteja já separado o essencial do secundário e o que interessa daquilo que é superfluo. Sem isso teria a Direcção que fazer a análise concreta da situação concreta em cada zona, isto para todas as zonas, isto para todas as células!!! Essa seria uma via para a liquidação do trabalho comunista.

Para um verdadeiro centralismo funcione na nossa Organização é necessário que todos os camaradas compreendam a necessidade de o trabalho comunista ser dirigido, a necessidade de se submeter a parte ao todo; a necessidade de agir segundo uma estratégia, que tem de assentar nas condições concretas e de estar de acordo com os princípios teóricos do marxismo-leninismo.

Sem centralização não há democracia, não há iniciativa, não há controle do trabalho comunista, não há crítica e auto-crítica, não há plano, não há uma justa linha, não há implantação no movimento de massas, não há novos quadros, NÃO HÁ PARTIDO.

O aspecto da democracia é fundamental. Segundo o marxismo-leninismo a democracia é correlativa ao centralismo, isto é, existem um no outro, saem um do outro. Na verdade não há outra democracia que não seja a dos comunistas, não há democracia que não esteja sujeita à disciplina dos princípios marxistas-leninistas. Fora do marxismo-leninismo e da direcção proletária apenas há ditadura burguesa, tome ela a forma de tirania, tome ela a forma de liberalismo, de anarquismo, do que quer que seja. Dentro da Organização é o mesmo: sem centralismo não há democracia, não há um funcionamento orgânico nem há o controle necessário a uma prática verdadeiramente democrática.

Só pelo centralismo democrático, a actividade dos militantes de base, e de todos os organismos se pode reflectir na linha da Organização ou de um Partido.

Só pela discussão, pela troca de ideias e pela luta ideológica se for caso disso a Direcção e os escalões de controle podem ter os dados concretos que permitem ter um conhecimento total sobre o que se passa onde quer que seja e que permita tomar as

medidas adequadas.

Se os organismos dirigentes não controlarem com mão firme todos os aspectos do trabalho de que são responsáveis, esse trabalho é realizado ao acaso, os militantes de base não dão conta das suas tarefas nem dos métodos que utilizam, cometem erros que não são corrigidos, repetem erros que já poderiam ser evitados, o trabalho não avança, a disciplina detiora-se o centralismo democrático não funciona, o marxismo-leninismo em vez de se enraizar na prática desses militantes perde a sua força, o pensamento Mao Tse tung não é aplicado à prática, a linha da Organização não é compreendida, as massas não aderem às nossas palavras de ordem, rapidamente se cai em desvios e na cadeia.

Hoje para nós, para os marxistas-leninistas em Portugal a questão do controle é uma questão de vida ou de morte, é uma questão que separa a via da reconstrução do Partido da via da liquidação do Partido.

Os camaradas encarregados de controlar o trabalho dos militantes de base, têm de ter em atenção os aspectos concretos do trabalho desses militantes, têm de ter em atenção "não só as tarefas mas também os métodos", o camarada que controla uma célula, ou qualquer outro organismo de base, tem de discutir com os camaradas desses organismos os erros que ele comete e tem de saber fornecer-lhes a experiência da Organização e das medidas que têm sido tomadas para resolver erros semelhantes, tem de discutir com eles no concreto os pormenores de cada acção, tem de enquadrar e investigar a par e passo o desenrolar do trabalho. Só assim o trabalho das células pode ser um trabalho comunista. Desligadas da Direcção, ou com ligações que não satisfaçam as suas exigências, as células perdem-se na complexidade dos problemas, afastam-se da tarefa central que é a tarefa de reconstruir o Partido, entregam-se à prática de erros e desvios, deixam-se levar por ilusões oportunistas, perdem a sua força, a sua capacidade de transformação do mundo, a sua capacidade de transformar o pensamento Mao Tse tung em força material.

O trabalho fundamental de controle dos Comités pró-Partido é um trabalho deste tipo. Acompanhar os quadros novos, dirigir o trabalho das células, formar os quadros na prática organizativa, enquadrar o trabalho comunista. Isto distingue um estilo de trabalho bolchevista do estilo pequeno-burguês de trabalho, burocrático ou espontaneista.

Por outro lado um Comité não pode chamar a si as tarefas das células. O Comité tem de responsabilizar as células, pelas tarefas que lhes competem. Sem responsabilização

não é possível controlar o trabalho. Todo o camarada deve assumir a responsabilidade das suas tarefas e não se deve responsabilizar por tarefas que não sabe se pode realizar. Também a responsabilização não pode ser burocrática, isto é, não basta obrigar um militante a fazer uma tarefa para se ter a certeza que a tarefa aparecerá feita. É necessário ver se essa tarefa está ou não ao alcance desse militante, ver se é esse militante o mais indicado. Então é necessário discutir com o militante a importância da tarefa relativamente a todas as outras que ele tem em mãos. Só assim o trabalho avança. Se apenas se "encomendam" trabalho, então a confusão surge na mente do militante de base que não tem dados para hierarquizar as tarefas, é incapaz de, por si só, fazer um plano que englobe todos os aspectos, desperdiçando energias e fracassando.

A responsabilização dos camaradas pelas tarefas tem que se entender a todos os níveis e a todos os escalões, dentro e fora dos organismos. Sem isso a Direcção não pode controlar todo o trabalho, a Direcção não pode representar todo o trabalho comunista, toda a classe operária.

Sem controle e sem responsabilização não há disciplina na Organização. Entendemos por disciplina a compreensão das tarefas e dos métodos, a sua realização, o balanço dos resultados, indisciplina não é só recusar-se a cumprir as determinações dos organismos dirigentes. Indisciplina é também não cumprir com correcção as palavras de ordem e as decisões dos organismos dirigentes. Numa organização bolchevista a indisciplina assim entendida não pode ter lugar. Se funciona a democracia centralizada, se funciona o controle do trabalho, se funciona a análise concreta da situação concreta, se funciona a crítica e a auto-crítica, como pode haver por parte de qualquer camarada incompreensão da linha que é elaborada de acordo com a situação concreta do seu trabalho, que é elaborada de acordo com os princípios que ele defende, que corresponde aos interesses das massas a que ele está ligado, que é discutida e aceite internamente, como é que um camarada pode fugir à orientação dos escalões dirigentes?

Evidentemente que essa disciplina só pode existir numa organização científica. É por isso que lutamos neste momento.

Para dirigir toda a classe na luta contra a exploração, para dirigir todo o povo na Revolução Popular, antes de mais, a Direcção marxista-leninista tem de saber dirigir os quadros comunistas. É neces-

sário que todos os militantes sigam uma rigorosa disciplina, que discutam profundamente todas as questões, e que depois de tomadas as resoluções as levem infalivelmente à prática. Isto não é idealismo simplesmente que isto só é possível aos comunistas.

Sem planificação do trabalho não há trabalho comunista. Os comunistas marcham adiante da história e não a reboque. Os comunistas escrevem a história antes de ela existir; evidentemente que isto é relativo pois só as massas construirão o futuro. Mas em termos de orientação geral quem comanda é a vanguarda. Em termos de linha quem traça é a vanguarda armada da teoria científica.

Agindo sem plano, sem hierarquização das tarefas, sem estabelecer prioridades, sem marcar prazos é impossível coordenar todo o trabalho dentro da sua complexidade. Sem plano todas as confusões permanecem, as tarefas não se distinguem, o secundário toma o lugar do principal, o errado toma o lugar do correcto e cada parcela do trabalho prejudica as outras.

Com plano, cada parcela do trabalho contribui para a realização das outras, o principal comanda o trabalho, as tarefas distinguem-se claramente, a confusão desaparece e dá lugar à visão correcta que orienta o trabalho passo a passo.

Sem plano não há ligação da teoria à prática, não há trabalho científico, não há comunismo. Sem plano abandona-se toda a experiência adquirida em milhares de lutas por toda a classe operária e pela sua vanguarda. Isto quer se trate da planificação geral, quer se trate da planificação de cada acção concreta.

Só trabalhando segundo um plano justo que tenha em linha de conta os ensinamentos da teoria e as condições reais do trabalho, é possível lançar uma organização científica, uma organização leninista.

Como é possível sem um plano enviar para aqui estas forças, para ali aquelas, para além ainda outras, como é possível ligar este com aquele e separar aquele de um outro? Sem ter uma visão de conjunto apenas se podem fazer asneiras. Essa visão de conjunto tem de considerar não só as condições de espaço mas também as de tempo. Planificar é lançar trabalho para um determinado período, numa determinada região ou conjunto de regiões, no conjunto país, etc. Em questões organizativas, trabalhar sem um plano ou abandonar o plano é ajudar a Fide, é boicotar a compartimentação do trabalho, é minar a segurança da Organização (portanto do Partido).

A questão da segurança e da compartimentação é fundamental. É necessário que os camaradas vejam onde reside a segurança e onde está a origem dos erros de segurança. As questões de segurança não são apenas questões técnicas, não são questões de habilidade e experiência pura e simplesmente. A questão de segurança é uma questão política, reside sobretudo na questão da compartimentação e dos métodos de trabalho. A segurança da Organização conquista-se com a elevação do nível político dos militantes, com o aperfeiçoamento do esquema organizativo no sentido de um partido leninista, com prática de métodos de trabalho maoístas, com a elabo-

ração cada vez mais avançada da nossa linha, com a implantação nas massas, com a confiança na Organização.

Todas estas questões se resolvem, todas estas questões só se resolvem se o trabalho for planificado, se a organização for compartimentada, se os quadros respeitam a disciplina.

É certo também que a segurança não é apenas uma questão organizativa, ela é também uma questão de respeito dos militantes pelas regras de conspiratividade portanto também é uma questão ideológica. Quanto a isso é necessário os Comités darem uma atenção especial na formação de todos os quadros.

## QUE ESTARÁ PARA ACONTECER ?

Os preços não param de subir e a miséria alastra. As guerras de África continuam e os sofrimentos são cada vez maiores para o povo de Portugal, e para todos os povos das colónias. Agora veio a crise do petróleo (a crise da energia) e ninguém sabe onde é que isto irá parar.

Já há géneros que têm faltado e o povo espera duras privações, racionamentos, fome negra para as classes exploradas.

Há guerras por toda a parte e alguma gente tenta não ligar a isso, mas agora não é possível, as guerras de longe têm rápida mente consequências para todos nós.

O povo vê promessas mas já não acredita nelas; os tolos, a bufaria e a padralhada querem fazer acreditar a povo nas promessas do capitalismo. Quem acredita hoje nas vigarices que o Marcelo veio dizer para os jornais e para a TV antes das eleições acerca do que tem feito o governo e daquilo que promete fazer?

Os capitalistas sempre que podem mentem Mas a cada mentira vira-se o feitiço contra o feitiçeiro porque o povo não acredita e os mentirosos, os vigaristas burgueses mal têm quem os oiça.

O povo vê as ameaças e os crimes por toda a parte, mas hoje nada disso mete medo ao povo trabalhador.

O povo vê a debandada para a França e Alemanha, Vê o abandono das terras, vê chegar milhares de negros, de Cabo verdianos que fogem à fome que o colonialismo lhes impõe na sua terra, para os obrigar a vir para cá fazer trabalho que os

nossos emigrantes foram obrigados a abandonar para defender as suas vidas e as das suas famílias. contra a miséria.

O povo vê os gatunos mentirosos em jantaras a elogiar-se uns aos outros, a ajoalhar-se uns diante dos outros. O povo ri-se com uma raiva de revolta praguejando contra esses filhos da puta, esses criminosos, chefes e lacaios dos inimigos do povo.

O povo vê as lutas. Cada um vê a seu lado os primeiros camaradas que se levantam, erguem a voz e os punhos, apontam o caminho da libertação dos trabalhadores.

O povo pergunta:

QUE ESTÁ PARA ACONTECER?

O imperialismo caminha para a sua morte que se aproxima rapidamente.

O sistema capitalista que domina ainda grande parte do mundo está cercado, ameaçado, não tem já para onde fugir.

As contradições em que tem vivido agudizam-se; os seus alicerces tremem e a sua queda ruidosa reduzi-lo-á a ruínas e cinza Livres das suas garras ferozes e criminosas, os povos poderão então desenvolver-se, trabalhar e viver livremente, os donos do mundo serão os trabalhadores. São eles que o constroem.

A burguesia, velha ranhosa, que com o cartório cheio de crimes, caminha cambaleante para a sua sepultura, tenta agarrar-se a tudo o que pode para retardar o seu fim inevitável.

Para podermos compreender o que se passa, para imaginarmos o que está para acontecer devemos ver as justas palavras

Se nos queres escrever, entrega a tua carta a um amigo emigrante. Ele pode enviá-la de um correio estrangeiro para a seguinte direcção:

BOX 3052 UPPSALA - SUÉCIA

do guia do proletariado que foi o grande José Estaline:

"Lenine qualificava o imperialismo de "capitalismo agonizante". Porque? Porque o imperialismo leva as contradições do capitalismo às últimas consequências, ao limite extremo depois do qual começa a revolução. Entre estas contradições há três que devem ser consideradas as mais importantes.

A primeira contradição é a que existe entre o trabalho e o capital...

A segunda contradição é a que existe entre os diferentes grupos financeiros e potências imperialistas na sua luta pelas fontes de matérias primas, pelos territórios alheios...

A terceira contradição é a que existe entre um punhado de nações "civilizadas" dominadoras e as centenas de milhões de homens dos povos colonizados e dependentes do mundo!...

Estaline escreveu estas linhas há quase 50 anos. Elas exprimem ideias justas que nos servem para compreender o caminho que tem trilhado o imperialismo, que nos permitem ver como hoje se juntam essas três contradições e se agudizam para colocar a velha ordem reaccionária, exploradora e criminosa à beira da derrota total.

Vejamos em que estado se encontra hoje essas contradições que desde então não cessaram de se desenvolver, de se agudizar:

A primeira, entre o capital e o trabalho.

Os imperialistas, as grandes companhias os bancos tomaram e continuam a tomar conta da indústria e do comércio toda a parte. Modernizaram as fábricas, criaram novas máquinas, exploram as riquezas naturais e os recursos humanos. Com tudo isso, os operários e todos os trabalhadores nada aproveitaram, só a burguesia melhorou a sua vida de luxo e de ganância malandragem.

Os operários viram que com novas máquinas o seu trabalho passou a produzir muito mais, dez, cem, mil vezes mais do que antes, mas isso não veio melhorar a sua condição de escravos que trabalham para comer e que não conseguem anelhar para mais nada. Dia a dia os operários vêm que deixam de trabalhar para pequenos patões, vêm as fábricas serem compradas pelos bancos ou pelas grandes empresas estrangeiras, donas das máquinas, donas das matérias primas. Todas essas grandes companhias não merecem qualquer respeito, nem qualquer agradecimento da

classe operária. Os assalariados são cada vez mais, é a classe que mais cresce, mas apesar disso a riqueza do povo não aumenta. O que aumenta são os depósitos nos cofres da burguesia, o que aumenta são as forças produtivas, que estão nas mãos dos que nos exploram. Em todos os países capitalistas a classe operária começa a estar farta de trabalhar sem paga para nunca chegar a ter nada, nem bens, nem liberdade nem felicidade.

Ao capitalismo a única coisa que lhe interessa é obter o máximo lucro. É por isso que espezinha e oprime os trabalhadores, que transforma as fábricas em autênticos quartéis.

Todo o povo sofre com a exploração das grandes companhias imperialistas e de todos os seus lacaios, a média burguesia os sectores reaccionários da pequena burguesia.

A burguesia imperialista não interessa os sofrimentos do povo só interessa que ele se submeta e se deixe subjugar para a riqueza correr para os seus cofres.

Nessas circunstâncias os operários e todo o povo oprimido fartam-se. Deixam encher o saco da paciência e preparam-se para rebentar com toda a sua força, preparam-se para escorraçar os lobos capitalistas até ao mar, para os aniquilar no nosso país como em todo o mundo, seguindo o exemplo vitorioso dos povos heroicos que já libertaram os seus países e o exemplo animador dos povos corajosos que hoje ainda lutam e dia a dia alcançam novas vitórias contra essa banditagem imperialista,

A segunda contradição, entre os diferentes grupos capitalistas, entre os diferentes países imperialistas, virou-os uns contra os outros, na tentativa de conquistar e dominar as regiões mais ricas do mundo. Essa corrida que leva à frente os chefes de fila do imperialismo e do social-imperialismo: americanos e russos tem por objectivos a conquista das grandes fontes de matérias primas e a exploração dos povos por meio do trabalho quase gratuito, tem por objectivo a conquista de novos mercados onde os capitalistas possam vender com grandes lucros os milhares de toneladas de produtos que necessitam de exportar.

Vejamos com o exemplo do Médio Oriente.

Logo depois da 2 guerra mundial os imperialistas ocidentais iniciaram um plano para subjugar os povos árabes e lhes roubar sob a ameaça dos seus exércitos e das suas frotas de guerra as



enormes riquezas que esses povos possuem principalmente nos seus poços de petróleo, que hoje são indispensáveis à maioria dos países capitalistas do mundo. Para esse fim os imperialistas serviram-se dos judeus como tropa de choque e é dessa forma que eles têm evitado entrar "pessoalmente" nas guerras mais reñidas dos últimos anos.

A criação do Estado de Israel foi absolutamente artificial, foi obra das grandes potências imperialistas (Inglaterra, América) e dos milionários judeus. Desde o início as intenções dos imperialistas foram bem claras: por meio da guerra, da agressão contra o povo, do terror e da chacina, como exemplo, da população palestina, o sionismo desocupou grande extensão do território palestino onde vivia e trabalhava o povo palestino, para instalar as quintas dos judeus e as bases militares sionistas e imperialistas.

O povo palestino foi escorraçado aos milhões para os países árabes vizinhos sendo em cada guerra mais afastado, sendo em cada guerra maior o número de refugiados e a miséria que os atinge, de pois da "guerra dos 6 dias" em 1967 o número de refugiados palestinos atingiu mais de 3 milhões. A luta do povo palestino pela libertação da sua pátria é uma justa e heroica luta pela sobrevivência, que se opõe à criminosa manobra do imperialismo de liquidar e de conquistar as riquezas enormes de petróleo dos países árabes.

As guerras de conquista do sionismo e do imperialismo já há muito ultrapassaram as fronteiras do território palestino e descaradamente tentam avançar aos poços de petróleo.

As últimas guerras do Médio Oriente têm sido guerras de agressão americana contra os estados soberanos, estas guerras só têm sido possíveis a Israel graças aos tanques, munições, aviões e milhões de dólares do imperialismo americano. Para a execução desse plano desde o início dessa manobra do imperialismo tem sido organizada em todo o mundo a emigração maciça de judeus para Israel. É a carne de canhão que faltava aos americanos no Médio Oriente e que vem não só da América e dos outros países capitalistas como também em enorme escala dos países sociais-fascistas da Europa de Leste e principalmente da metrópole do social-imperialismo, a Rússia revisionista. Não é essa a única forma que os social-imperialistas usam para tentar, também eles, pilhar o petróleo dos poços árabes, os

social-imperialistas russos aproveitando-se do pretexto de "ajuda" militar aos governos árabes têm-nos submetidos à sua vontade, tornando-os em fantoches que por causa das dívidas de guerra se têm visto impossibilitados de adoptar uma política independente e vitoriosa face às agressões sionistas e imperialistas.

Submetendo os países árabes a estas dívidas de guerra astronómicas o social-imperialismo russo pensa um dia poder exigir como resgate a submissão total dos povos árabes à política do Kremlin e o petróleo fundamentalmente, além de todas as outras riquezas.

A concorrência entre americanos e russos pela conquista do Médio Oriente constituiu objectivamente um exemplo flagrante dessa contradição expressa por Estaline entre os diferentes grupos financeiros e potências imperialistas na sua luta pelas fontes de matérias primas, pelos territórios alheios.

Dentro desta contradição há ainda outras que poderiam ser descritas como por exemplo a que existe entre a América e a Europa, entre a América e o Japão, entre Portugal e os outros países colonialistas. Todas essas contradições se têm agudizado com a agonia do imperialismo e contribuem para apressar a sua morte.

A terceira contradição entre um punhado de nações "civilizadas" dominadoras e as centenas de milhões de homens dos povos colonizados e dependentes do mundo.

A guerra no Vietname, a guerra no Camboja, a guerra no Laos, as guerras em África (Angola, Guiné, Moçambique, Zimbábue), a própria guerra do povo palestino, a luta dos povos dominados pelo colonialismo espanhol, contra a dominação burbónica-franquista são exemplos de guerras que exprimem a extrema agudização a que chegou esta contradição, estando os povos do Vietname, do Camboja, do Laos e da Guiné às portas da independência total.

Neste momento a combinação dessas três contradições coloca o bloco dos reaccionários de todo o mundo na situação mais crítica e mais propícia ao avanço da luta revolucionária para o aniquilar.

Em Portugal o proletariado e todo o povo vê-se mergulhado em dificuldades que assumem as dimensões duma catástrofe. Nas bocas do povo a frase que se houve é só uma "isto só com uma guerra civil que os destrua", "isto só com uma revolução". O povo não tem por onde escolher: ou faz a revolução e se salva ou é atirado pelo capitalismo para a miséria, para o desemprego, para a morte nos campos de batalha coloniais e para a morte pela fome.

Pela Revolução Popular, guiado pela classe operária, o povo salvará a pátria derrotará os lobos e vampiros fascistas e os seus lacaios de todas as cores, reformistas, revisionistas e toda a escumalha das outras seitas oportunistas.

Pela Revolução Popular o povo iniciará uma nova era na história do nosso país, a era da Democracia Popular e da construção do socialismo até à supressão das classes, até ao comunismo.

A classe operária compete a tarefa histórica de se organizar num Partido Comunista Marxista Leninista que agrupe os melhores filhos do povo, os proletários revolucionários capazes de traçar o caminho da luta libertadora, de organizar a classe operária e o povo e armá-los para essa luta final contra a escravatura capitalista, pelo Pão, pela Paz, pela Ter-

ra, pela Paz e pela Democracia Popular.

Neste momento em que por todo o mundo os povos se erguem para lutar ou se preparam activamente para desencadear a luta, neste momento em que as contradições no seio das diferentes forças imperialistas se agudizam e as viram umas contra as outras, é necessário que por toda a parte a direcção dos marxistas-leninistas se faça sentir, se imponha na condução da luta, na união das massas, na organização da classe operária, de todos os povos.

Para os marxistas-leninistas portugueses desempenharem essas tarefas, para assumirem o seu papel de vanguarda têm de se unir e organizar, têm de estar constituídos em Partido.

Comunistas-marxistas-leninistas de Portugal unam-nos firmemente para reconstruir o Partido e aniquilar o capitalismo criminoso.

## A RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO NA LUTA DE MASSAS

As vitórias na luta de massas são vitórias para a reconstrução do Partido da Classe Operária.

No actual momento do desenvolvimento da nossa Organização muitos dos aspectos necessários à reconstrução do Partido foram já conseguidos, outros ainda não. Por exemplo já foi possível atingir um grau de implantação da Organização, de ligação às massas, dignos de autêntico Partido. Mas também, por exemplo, ainda não foram totalmente conseguidos, em medida satisfatória, os sucessos necessários para considerarmos que no plano dos métodos de trabalho interno e de organização, já existe um nível digno de um autêntico Partido de estilo bolchevista que a tornem capaz de acompanhar o desenvolvimento do movimento de massas. Ainda não foi conseguido em todos os organismos, um nível político, um nível de capacidade para fazer a análise política e tomar as medidas políticas justas, digno de um autêntico Partido Comunista Marxista Leninista. Ainda não foi possível a nível nacional uma unidade absoluta de todos os marxistas-leninistas.

A luta por essas condições que temos de exigir a um Partido é a tarefa mais importante neste momento na qual devemos pôr todo o nosso esforço, todos os nossos sacrifícios, para a qual devemos canalizar toda a enorme energia da classe operária e da sua vanguarda.

É no fogo da luta de massas que nascem os nossos quadros, que a vanguarda se tempera, ganha experiência, que os erros são corrigidos e a Organização põe à prova a justeza da sua linha e das suas pa-

lavras de ordem.

Na grande batalha política contra o fascismo e o revisionismo que foi a luta contra a farsa eleitoral da burguesia, mais uma vez os comunistas foram chamados à primeira linha de combate e às tarefas superiores de organizar e dirigir todos os revolucionários, às tarefas de unir as massas e as conduzir na luta. Na luta revolucionária contra as eleições muita coisa ficou provada, e embora os resultados fossem previstos as provas dadas são indispensáveis para sabermos distinguir quem são os nossos amigos e quem são os nossos inimigos, bem como para ver onde foram cometidos erros e onde não foram, na luta se viu quem está disposto a avançar decididamente para a Revolução, se viu quem está disposto a colaborar descaradamente com a burguesia, pregando até às vésperas das urnas o reformismo eleitoralista, para depois durante uns dias se calarem, quando foram obrigados pela maioria do eleitorado, do povo, dos progressistas e dos verdadeiros democratas a desistir da sua concorrência e colaboração na farsa eleitoral, é evidente que quanto a isto nos estamos a referir aos reformistas colonialistas das "C" "D" "Es e aos traidores, fura-greves, colonialistas e rafeiros do social-imperialismo, os revisionistas do bando de Álvaro Cunhal.

Outros optaram pela via do verbalismo, do palavreado mentiroso e vazio, ora radical ora reformista desenvolvendo a sua actividade, fora de qualquer ataque à burguesia, contra as ideias revolucionárias, contra a luta do povo, contra o marxismo-leninismo, neste grupo alinhou a vadia-

gem hipócrita do falso partido que depois de usurpar o nome do C.M.L.P. se intitulou a si próprio "Partido Comunista de Portugal", subproduto da putrefacção do esterco pequeno burguês que de Paris pretende comandar todo o proletariado e o povo de Portugal !!!

Entretanto o grupo chamado MRPP usando não só os ardis comuns aos habituais grupos de oportunistas mas ainda outros próprios da Pide tentou sabotar as lutas revolucionárias usando a mentira, a confusão para evitar que os trabalhadores se organizassem no boicote activo às eleições, para evitar que as massas opusessem às eleições burguesas a Revolução Popular.

Mas os vigaristas do MRPP já não enganam ninguém com as suas manifestações de 20 000 homens invisíveis e as suas bandeiras limpidamente transparentes, que nunca seriam capazes de poluir a atmosfera dos montes caulinos nem a maresia da ponte levadiça de Leixões.

Os auto-elogios do MRPP que, atacando a vanguarda proletária e as massas trabalhadoras, o elevam aos pedestais mais elevados, já não enganam ninguém, são pedras que eles lançam ao ar para lhes caírem em cima das cabeças e levam a que eles sejam automaticamente desacredita-

dos e odiados por qualquer operário, por qualquer camponês, qualquer soldado ou estudante. Esse processo de "auto-destruição" do MRPP leva à única conclusão de que esse "movimento" está totalmente corroído pelo caruncho pidesco que nele penetrou e o lançou na via da provocação.

Com os revolucionários estiveram no boicote à farsa eleitoral centenas de verdadeiros democratas, de amigos do povo, de progressistas que seguindo as palavras de ordem de "O Grito do Povo" não hesitaram em se organizarem em Comités Revolucionários Anti-Eleitorais que desenvolveram uma ampla campanha de agitação e propaganda nas massas trabalhadoras e estudantis preparando-as para o boicote das eleições e chamando-as à luta revolucionária organizada contra o capitalismo, contra o colonialismo e o revisionismo.

Essa actividade revolucionária intensa no seio das massas preparou novas forças e calejou as já existentes no trabalho revolucionário abrindo novas perspectivas ao desenvolvimento da luta de massas e à reconstrução do Partido, o que mostra bem a justeza das palavras de ordem dos marxistas-leninistas e a tese de que é na prática que se vê quem está disposto a juntar-se ao grosso contingente daqueles que no seio das massas pretendem servir o povo e levá-lo à vitória.

## EM FRENTE PELA CONSTRUÇÃO DO PARTIDO



mrpp

Em comprovação do que dissemos acerca do MRPP transcrevemos uma curta passagem de um papel assinado por esse grupo, fazendo propaganda do seu próprio jornal, que além de outras grosserias cometeu a de substituir em alguns dos seus panfletos (por meio de um carimbo) a sigla do C'M-L'P pela da nossa Organização para o que bastou acrescentar um O e mais umas aspas. Outra dúvida restará ainda a quem ler a passagem que transcrevemos: que lugar ocupa a burguesia entre a escala de inimigos do MRPP? Será o número 2 ou estará fora de causa?

Não é costume gastarmos uma linha que seja do nosso jornal a responder às provocações da Pide ou pidescos. Neste número gastamos este pouco espaço para que todos possam ver o nível desse "Movimento reorganizativo" do que quer que seja.

... "O Luta Popular é uma espada canarada! Uma espada que se forja, tempera e aguça na luta contra as colunas burguesas, parasitas, traidoras e sabotadoras da luta popular: a confraria neo-revisionista da O'C'M-L'P; e o inimigo número 1, a canarilha revisionista do P'C'PC'D'E e outros lambe-botas da burguesia"...

# A LUTA CONTRA AS eleições burguesas

Seguindo a orientação definida pela nossa Organização nos últimos números do Grito do Povo, trabalhadores e estudantes, verdadeiros democratas, progressistas e revolucionários organizaram-se em Comitês Revolucionários Anti-Eleitorais para esclarecer as massas sobre as verdadeiras intenções da manobra burguesa de tentar levar o povo às urnas numa tentativa de o enganar para depois . . . melhor o poder explorar. Para mobilizar as massas na luta anti-eleitoral e as organizar revolucionariamente, desde o início de Outubro os Comitês Revolucionários Anti Eleitorais (CRAEs) desenvolveram intensa actividade de agitação e propaganda ao serviço da linha da Revolução Popular.

Essa actividade foi fundamental para unir o povo, para destruir todas as intenções da burguesia, quer da burguesia colonialista, lacai do imperialismo ocidental, quer da média burguesia e da aristocracia operária também colonialista, lacai do social-imperialismo soviético.

Em virtude dessa actividade, os eleitoralistas fascistas da ANP quer os reformistas da Oposição viram-se cercados e desmascarados, viram a sua propaganda anti-popular bater em ouvidos de rocha e cedo perceberam que teriam grossas dificuldades em levar a cabo a sua fantochada segundo os programas previstos.

Como principais consequências da mobilização popular para a luta anti-eleitoral observámos o abandono por parte da Oposição do seu papel de sacristão, saindo à última hora do palco eleitoral apupados por todo o mundo incluindo a maioria dos pró - prios oposicionistas das C"D"Es . Por parte dos fascistas observámos a penúria de vo- tos apesar de em alguns sítios oferecerem castanhas e vinho a tentar chamar os mais ingénuos, como resultado disso apenas conseguiram pregar algumas bebedeiras.

Para tentar enganar o povo não faltaram algumas imagens na televisão mostrando as urnas e os rebanhos de parasitas que mais pareciam de facto o acompanhamento de urnas funerárias pois padres e freiras não faltavam:

Grandes e pequenas lutas encheram o mês de Outubro.

Logo no dia 5 após a saída de um comício no Coliseu do Porto houve uma manifestação que desceu até à Praça D. João I gritando "ABAIXO AS ELEIÇÕES BURGUESAS! ABAIXO A GUERRA COLONIAL"; foi atacada uma carrinha da polícia e os manifestantes dispersaram sem baixas.

Antes do dia 12 houve várias pequenas manifestações em Lisboa, sobretudo a partir do dia 9. Numa delas foi apedrejado o Banco Português do Atlântico, quando decorria a sessão da C"D"E no Vox. Na cidade da Póvoa apareceram pichagens em todos os estabelecimentos escolares que levaram ao seu encerramento.

No dia 12 em Lisboa houve várias manifestações durante o dia (independentes das convocatórias do MRPP): Amadora, Almirante Reis, na Graça foi a maior, com cerca de 300 pessoas. No Porto, respondendo à convocatória dos CRECs compareceram nos Leões cerca de 200 a 300 estudantes que não se chegaram a concentrar pois essa zona da cidade estava pejada de polícia de choque. Em Barcelos houve distribuição de propaganda sindical dos estudantes que levou a polícia a cercar o liceu. Em Braga com grande agitação e grande apoio de massas realizou-se um meeting dos núcleos sindicais. Em Coimbra houve uma manifestação na Baixa tendo sido distribuídos panfletos dos CRAEs, tendo-se gritado "ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA". Em Guimarães, numa praça do centro da cidade (Feira do Fão) concentraram-se centenas de pessoas que aprovaram um comunicado à população e se manifestaram pelas ruas com as palavras de ordem "NÃO ÀS ELEIÇÕES BURGUESAS, EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR". ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA! VIVA A GUINÉ INDEPENDENTE! " manifestação que tinha tido origem num meeting dos núcleos sindicais de estudantes engrossou com dezenas e dezenas de operários (apesar da intensa chuva) e então se entocou a frase "VIVA O PROLETARIADO", e de novo "ABAIXO A GUERRA COLONIAL ASSASSINA! e VINGUEMOS RIBEIRO SANTOS". Tudo isto durou mais de uma hora, a polícia só chegou às 20 horas, não houve prisões. No dia 13 houve de novo agitação e uma manifestação na Baixa de Coimbra que paralizou o trânsito e encheu os ares com o canto da "Internacional" seguido das justas palavras de ordem

"ABAIXO a Guerra Colonial Assassina! Viva a Guiné Independente!". Houve 6 presos que foram logo libertados. A Baixa de Coimbra ficou muito tempo cercada pela polícia de choque. No dia 1 em Matosinhos num comício do M"D" à noite, compareceram muitos operários e alguns pescadores, apesar de estes trabalharem de noite, mobilizados pelas palavras de ordem anti-revisionistas do Grito do Povo e dos CRAEs. As palavras de ordem que dominaram no comício foram as revolucionárias como "Viva a deserção! Viva a Revolução Popular!" "Abaixo o Reformismo! Morte aos pides" Havia cartazes como: "Votar é trair o povo!"; À saída, aos gritos de "Viva a classe operária! Viva o marxismo-leninismo! Viva o Grito do Povo!" e entoando canções revolucionárias, foi lançado pelas ruas, cafés, etc., o Grito do Povo no. 17 -Especial Eleições.

No dia 23 papeis anónimos tinham convocado uma manifestação para a Praça da Liberdade no Porto para o fim da tarde. Nesse dia às 15 horas houve um comício do M"D" no coliseu que estava cheio. Dentro da sala de espectáculos estava o conteúdo criminoso de 3 carrinhas de polícia de choque. As palavras de ordem revolucionárias sobrepujaram-se à demagogia revisionista, gritou-se "Abaixo as eleições burguesas! Viva a classe operária! Marcelo fascista assassino! Revolução Popular!" Gritando ainda "Abaixo a Guerra Colonial! Assassina! Viva a Guiné Independente! Democracia Popular e Viva a classe Operária", as massas saíram em manifestação apesar das tentativas dos revisionistas para ajudar a polícia de choque tentando amedrontar, desunir e dispersar os manifestantes, cerca de 2 000 manifestantes desceram até ao Palladium, foram a passo por Santa Catarina bloqueando o trânsito; a polícia não interveio nesse momento, só na Praça da Batalha depois de chegarem reforços de choque a polícia atacou violentamente tendo ficado a guardar os locais da manifestação até de madrugada.

No dia 24 também no Porto à saída do Coliseu, à noite, tendo sido interrompido todo o trânsito nas ruas das redondezas, não houve saída em manifestação mas numerosos grupos no total de centenas de manifestantes percorreram as ruas da baixa gritando palavras de ordem revolucionárias e lutando contra a polícia, Houve tiros mas não houve feridos.

No mesmo dia 24 em Coimbra no Avenida às 21h e 30, comício do M"D"C: a sala estava cheia, foi distribuído lá dentro um panfleto dum CRAE (Crae da Alta) e outros com uma noção dos jovens democratas progressistas explicando como essa noção (de conteúdo anti-colonial e de apoio à jovem República Independente da Guiné-Bissau) tinha sido abafada pelos "democratas" da mesa dum comício anterior. Perante o público progressista, os "democratas" tiveram de pedir desculpas. Foi um comício revolucionário, os reformistas não conseguiram levar avante nenhum dos seus tristes intentos. Do balcão pendia um cartaz: "VIVA A GUINÉ INDEPENDENTE", em coro as massas gritaram "Abaixo a Guerra Colonial! e Viva a Guiné Independente!" A polícia ajudada pelos "democratas" proíbe esse cartaz. Os revolucionários cobrem-no com outro: "EM FRENTE PELA REVOLUCIO POPULAR o que provoca apoio e aplausos. Gritou-se então "Viva a greve dos pescadores de Matosinhos! e Frelino vencerá". A autoridade proíbe o novo cartaz; foi então colocado sobre esse um outro: "VOTAR É TRAIR O POVO". Nesta altura já ninguém dava ouvidos à demagogia dos microfones. A plateia de pé e voltada para trás sobrepuja a voz das massas à ladainha dos eleitoralistas gritando a palavra de ordem do cartaz durante longos minutos. Esta frase revolucionária tinha sido muito popularizada em Coimbra pelos CRAEs, por meio de papeis, pichagens, etc, tomara-se objecto de discussão e apoio do povo. Todo o resto do comício decorreu em ambiente altamente agitado, de vibração popular e de derrota para todos os eleitoralistas. Gritaram-se ainda outras frases mais tarde como: "LIBERDADE para o padre Mário! Abaixo a exploração capitalista! Socialismo!". O comício foi interrompido pelas "autoridades" que cortaram as luzes quando se gritava "Viva a Democracia Popular!" Já cá fora a um metro da polícia gritou-se "Abaixo a Guerra Colonial!", mas a manifestação não durou muito tempo.

No dia 25 de Outubro no Porto houve porrada à entrada para o julgamento do padre Mário. Em Lisboa houve uma manifestação e apedrejamento de três bancos na Estefânia.

No dia 26 e 27 no Porto houve várias acções de agitação e propaganda realizadas por grandes grupos de revolucionários que distribuíam propaganda, colaram cartazes, fizeram inscrições e esclareceram directamente o povo sobre as eleições e sobre as palavras de ordem revolucionárias anti-eleitorais. No dia 28 por toda a parte a maioria do povo mostrou o seu desprezo pela fantochada. Desde manhã, no Porto um numeroso grupo de revolucionários percorreu numerosas zonas da cidade, chamando as massas a não votar, e esclarecendo o povo sobre o carácter criminoso e anti-popular da farsa eleitoral. Foram distribuídos panfletos, jornais (O G do P 17 e 18) e colaram cartazes e vinhetas anti-eleitorais. Numerosas inscrições ficaram a servir de testemunho da passagem do numeroso grupo que durou até ao fim da tarde.

Respondendo à convocatória, ao trabalho de mobilização do Mrpp centenas de polícias (de choque e de outras raças) encheram a Praça e a Avenida sendo alvo do escárnio dos

transeuntes. Para o MRPP não preciso mais nada, isso bastou para eles apregoarem a sua "grande manifestação" de 20 000 pessoas"? !!!

Em Braga no dia 28 de Outubro foi colocada uma bandeira vermelha no cimo de um poste de alta tensão junto à Rodovia (local de grande movimento de automóveis e peões). A bandeira com uma foice, martelo e uma estrela amarela esteve desfaldada até às 13 horas, hora em que foi retirada pela polícia, o que provocou grande ajuntamento de peões e engarrafamento do trânsito, pois os populares se aglomeraram para bater palmas à bandeira e apupar o polícia que trepou ao alto do poste.

# A LUTA REVOLUCIONÁRIA NA MARINHA GRANDE

Uma vez mais o proletariado da Marinha Grande esteve na vanguarda da luta revolucionária. Unindo o povo da vila o proletariado vidreiro ergueu os seus punhos poderosos e mostrou a sua força de classe e a sua determinação de levar a luta até à vitória.

Uma vez mais o proletariado da Marinha Grande soube dar o exemplo tal como fez em 18 de Janeiro de 1934.

Nessa data que todos devemos recordar com alegria o proletariado à frente de todo o povo tomou conta da sua terra, tomou conta das fábricas, dos correios, cortou as estradas e caminhos de ferro, obrigou a guarda a render-se. O poder caiu das mãos dos fascistas. O povo libertou a Marinha Grande e formou o seu soviete.

A luta não foi mais longe. Por todo o país falhou a tentativa de insurreição geral e a Marinha Grande ficou sózinha. Assim foi fácil vir a guarda e tropa das grandes cidades, de Leiria com metralhadoras que martirizaram o povo, prenderam e humilharan.

O proletariado da Marinha Grande orgulha-se da sua história corajosa. Todo o proletariado se deve orgulhar dessa luta exemplar de coragem, de organização, de disciplina e de espírito revolucionário.

Cabe aqui menória a José Gregório, operário vidreiro da Marinha Grande filho querido do proletariado dessa vila e um dos mais altos exemplos de que já houve grandes comunistas em Portugal. José Gregório foi um militante comunista de primeira linha, foi um dirigente justo e intrasigente seguidor de Marx e Lenine. Ao lado de outros comunistas que devemos de amar como nossos verdadeiros pais, ao lado de Bento Gonçalves, Militão Ribeiro, José Fogaça, José Moreira, Alfredo Dinis, foi um dos dirigentes mais avançados da vanguarda do proletariado português.

Hoje o pensamento revolucionário e a acção comunista desses heróicos militantes são combatidos pela quadrilha revisionista de Dr. Álvaro Cunhal, que de Moscovo, com a bênção do social-imperialismo, tenta aniquilar todas as forças e todas as lutas da classe operária e do povo, tenta retirar-lhes o seu valioso conteúdo revolucionário para os desviar para o reformismo e para a colaboração de classes.

A herança dos verdadeiros comunistas, que tendo sido membros do Partido, que hoje é revisionista, não lhe pertence. Os traidores revisionistas querem usá-los para a sua propaganda, mentem dizendo que seguem a mesma linha marxista-leninista que eles trocaram. Só um Partido Comunista, marxista-leninista terá o direito de chamar seus camaradas a esses combatentes que nunca em sua vida de luta e sacrifício teriam traído a classe operária face ao revisionismo contemporâneo como nunca o trairam face à Fide criminoso.

O proletariado da Marinha Grande seguindo o pensamento marxista-leninista de José Gregório não hesita em se afastar das palavras de ordem reformistas do P."C".P, não hesita em permanecer na linha proletária que conduzirá à libertação total explorados e oprinidos.

A luta do proletariado da Marinha Grande contra a farsa eleitoral fascista foi um exemplo de união das massas e de justeza de ordem, o dia das Eleições Burguesas foi um dia de luta revolucionária de massas, de boicote activo à farsa "cívica e ordeira."

Na manhã do dia 28, por volta das 11 horas, mais de 100 pessoas (principalmente jovens alunos da escola técnica) gozavam e vaiavam os burgueses que iam votar. A polícia atacou e espancou, ferindo gravemente uma rapariga. À tarde, sabendo disto, mais de 200 pessoas se concentraram no Largo junto do Café Panorama, tendo-se unido à luta muitos operários marinhenses. O presidente da Câmara, ricoço fascista, foi apupado e insultado quando ia a votar. O povo, revoltado, escacou as vitrinas do Banco Português do Atlântico e de uma loja muito burguesa (o "sôinho da moda"), cujo dono tinha feito pressão sobre os empregados para irem votar, e que teve um prejuízo de 60 contos. À noite, centenas de pessoas voltam a concentrar-se e manifestam-se como à tarde, contra a fantochada eleitoral. Uma concentração formada por volta das 21 horas dirige-se ao cinema, onde engrossa, e despedaça as montras do banco Espírito Santo, fronteiro ao cinema.

À tarde tinha já intervido a polícia de choque (vinda de Leiria e Coimbra) mas as forças maiores chegaram de Lisboa (via Nazaré) às 23h e 30 minutos. A Marinha Grande foi cercada pelas forças policiais. Durante toda a noite, a polícia atacou à porrada pessoas que iam sozinho para casa, nomeadamente raparigas ou operários que iam para os turnos da noite. Entretanto cercou o parque (há aí um café onde dezenas de populares permaneciam reunidos a discutir o que se passava e as medidas a tomar), obrigando muitos desses trabalhadores a esconder-se e dormir no cemitério.

Os feridos tiveram que ir para os hospitais de Leiria e Coimbra, pois na única clínica da Marinha (a clínica de D. Dinis) o dono, que é da A.N.P. e está convidado para Presidente da Câmara recusou-se a receber os feridos. Um chui da Marinha que durante o dia se atrevera a bater no povo, foi posteriormente esperado, de noite, no caminho para casa, por vários elementos da população, que lhe deixaram no corpo o justo correctivo.

Três pessoas presas foram para Caxias. Entre elas, Joaquim Carreira que se destacara na luta, e que possui uma pequena oficina familiar.

Ainda no domingo, foi espancado pela polícia desvairada, um homem que nada tinha a ver com a questão e que vinha a passar pacatamente pela Marinha. Foi este homem que veio a se julgado no tribunal na segunda-feira.

De manhã, dia 29, houve uma greve em duas fábricas importantes, respectivamente a fábrica dos Roldões (400 operários, pertence ao Presidente da Câmara) e na antiga fábrica José Custódio (250 operários, pertence entre outros a vários membros da CDE entre os quais o Dr. Vareda, dono de muitos carros, casas em Leiria, Marinha e S. Pedro de Muel, advogado de industriais que em 1969 se distinguiu a defender um patrão num processo de despedimento de dezenas de operários, e que numa semana antes da fantochada comprou uma coutada no Alentejo por 60000 contos). Noutras fábricas houve paralizações e tentativas de greve. Houve greves às aulas na Escola e na secção preparatória.

Durante todo o dia, mais de 1000 pessoas se concentraram no local do julgamento do tal homem, que continuou (bem como a concentração) no dia 30. O juiz, acagaçado absolveu-o.. Na concentração estavam os operários das fábricas em greve e muitos outros que faltaram ao trabalho em outras fábricas (o que aconteceu em grande número). Às tantas, um conhecido elemento da CDE da Marinha veio dizer que nada se ganhava em estar ali e estendeu um abaixo assinado, dizendo que fossem para casa, que logo à noite já se sabia o resultado do julgamento, que era ~~essusado~~ usado estar ali concentrado, etc.. O paleio normal do "democrata" cívico e ordeiro. Foi perfeitamente desmascarado pelas massas, que o mandaram foder. (Daqui até aos dias 5 e 6 mantêm-se um ambiente de agitação e luta).

5 de Novembro - Reunião no Sindicato dos vidreiros. Mais de 1000 trabalhadores. É sobre o novo CCT, que a direcção do Sindicato (reformista) quer aceitar e que os operários não querem, consideram que é contra os seus interesses. Esta reunião foi convertida pelos operários numa verdadeira Assembleia no próprio local e decidiu-se greve geral para o dia seguinte (terça-feira, dia 6) na Marinha, pelas seguintes reivindicações, económicas e POLÍTICAS:

- Pela liberdade de informação e reunião.
- Pela demissão do Presidente da Câmara.
- Pela liberdade para os presos da luta anti-eleitoral (presos políticos).
- Contra o novo CCT dos vidreiros, pela satisfação das reivindicações operárias.

Estas reivindicações tinham já norteado as greves de 29 de Outubro.

6 de Novembro - A Greve Geral durou em todas as fábricas até cerca das 10 horas, com a malta concentrada à porta. Começou a quebrar com a ida da polícia de choque a cada fábrica obrigar os operários a entrar. Apenas na fábrica dos Roldões (a do Presidente da Câmara) a greve durou até ao meio-dia, tendo havido porrada entre a polícia e os operários que não queriam pegar ao trabalho.

Neste momento, os motivos da luta mantêm-se. Continuam presos em Caxias um homem (o Carreira) e uma rapariga, na tortura do sono.

# MARINHA GRANDE

Neste momento, os motivos da luta mantêm-se. Continuam presos em Caxias um homem (o Carreira) e uma rapariga, na tortura do sono.

-Outros aspectos- Os "CDE's" perfeitamente ultrapassados fazem circular entre o povo papeis que denunciam o seu reformismo traidor. Nas paredes da Marinha apareceram cartazes de Marx e Lenine. A memória das lutas passadas e a memória de José Gregório permanecem bem vivas no povo revolucionário, nos operários vidreiros da Marinha Grande. A própria percentagem "oficial" de votos foi pequenissima, cerca de 30%.

## O Xº CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS



Edições

"O Grito do Povo" - Textos Marxistas

### AUTOCRÍTICA

O Grito do Povo autocriticou-se pelo grande número de gralhas do número anterior. Faremos todos os esforços para na prática corrigir esse erro.

VIVA O MARXISMO-LENINISMO !

### ÚLTIMAS NOTÍCIAS

#### Nazaré

A burguesia lança-se sobre os trabalhadores não olhando a meios para aumentar os seus lucros.

Os pescadores da Nazaré, como na terra deles não há porto de abrigo, são obrigados a desembarcar em S. Martinho do Porto e a irem de camioneta para a Nazaré.

Os ladrões donos das camionetas resolveram aumentar os preços dos transportes de 250\$00 para 400\$00.

Os pescadores vendo o roubo descarado que lhes queriam fazer, decidiram fazer greve para obrigar os vampiros a não aumentar o frete, nos últimos dias de Novembro. Deram o prazo até 3/12 para os patrões das camionetas darem uma resposta.

De 16 barcos houve 2 que furraram a greve.

Entretanto, ao fim de uma semana de greve, os donos das camionetas propuseram aumentar agora para 350\$00 e em Janeiro para 400\$00, os pescadores regressaram ao trabalho para já.

Camaradas: aburguesia aumenta cada vez mais os preços para obter o máximo lucro, TEMOS DE NOS UNIR E ORGANIZAR para fazer frente vitoriosamente a esses vampiros e PREPARARMO-NOS PARA FAZER A REVOLUÇÃO POPULAR para acabarmos de uma vez para sempre com todos os parasitas que vivem à nossa custa. ORGANIZADO O POVO É INVENCIVEL ! EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR !





# O POVO EM LUTA

outubro

## PORTO candal

No princípio de Outubro as operárias metalúrgicas de uma secção com mais de 100 operárias da Electro Mecânica do Candal, fizeram uma paralização porque o filho da puta do patrão não pagava sequer os salários do CCT. As operárias no dia do pagamento recusaram-se a receber e a trabalhar enquanto não viesse o dinheiro que o patrão tinha roubado desde Março até agora. O grande filho da puta tentou ao princípio vencer as operárias chamando-as uma a uma ao gabinete e perguntando-lhes porque não trabalhavam e quem tinha sido a primeira a recusar-se, responderam todas: "não foi nenhuma, fomos todas juntas porque estamos a lutar por aquilo a que temos direito." Em seguida chamou a Fide, mas nem assim conseguiu nada.

Ao fim da tarde o patrão prometeu pagar no dia 22 a quinzena já rectificada e não disse quando pagaria o atrasado.

## efacec

No dia 10 de Outubro houve uma paralização na secção de transformadores exigindo aumento de salários. Depois desse dia tem havido paralizações de vez em quando, tendo os lacaiois tentado organizar comissões.

## Sacor

Camaradas da Sacor, a luta tem de continuar. As justas reivindicações dos operários não foram satisfeitas, a greve não foi vitoriosa. Só continuando unidos venceremos.

No dia 12 de Outubro, os operários de 8 empresas que trabalham na montagem da refina-ria do Porto em Leça, entraram em greve, no seguimento da forte agitação que reinava pois os operários andam revoltados e com toda a razão.

A greve iniciou-se no dia 12 à tarde (sexta-feira) e os operários reunidos discutiram as suas reivindicações, tendo exigido:

1º Semana de 48 horas. Na montagem da Sacor os operários tinham um horário normal de 55 horas por semana o que equivale a os imperialistas não pagarem como horas extras as 7 horas a mais.

2º Aumento de salário de 10 escudos por hora.

3º Não picar o cartão de ponto.

4º Ajustar as horas das camionetas que transportam os operários com os transportes públicos.

5º Garantia de trabalho por 6 meses (como se trata de uma montagem, os operários nunca sabem bem durante quanto tempo estão empregados).

6º "Deplacement" (ajudas de deslocação e estadia para os trabalhadores estrangeiros).

7º Pagamento de dois dias em atraso (aos operários da Secometal) em que o trabalho esteve suspenso para limpezas.

Estabelecidas estas justas reivindicações os operários cometeram um erro, que lhes viria a custar a derrota, que foi formarem uma comissão de 8 operários para falar com os burgueses e nazis que administram a Sacor e a montagem.

Tratava-se de uma luta difícil, com os trabalhadores de diferentes empresas, portuguesas, espanhóis e franceses e mesmo com trabalhadores emigrantes portugueses que estão cá por conta de empresas francesas.

Mais difícil foi ainda unir os operários face às manhas do sindicato reformista, rafeiro da burguesia e traidor da classe operária.

E como se essas dificuldades não chegassem face aos nazis e à demagogia do director com seus lacaiois, os revisionistas fizeram-se representar bem nessa luta através de um

numeroso grupo de espanhois que tentaram levar a luta para a frente no intuito de depois a trair.

Face a essas dificuldades impunha-se uma organização que não foi conseguida, o que permitiu a criação da comissão apesar da oposição de grande número de operários.

Traída a luta pelos reformistas, divididas as massas, o director fascista recusou aos trabalhadores as suas reivindicações, tendo apenas cedido em alguns pontos, não totalmente: deu 5.00 de aumento por hora, mas não para todos (disse que só podia dar aos operários da Secomatal)(!?). Não cedeu o ponto da garantia de trabalho por seis meses.

Desunidos pelas traições e pelas mentiras, os operários acabaram por ceder às 9h e 45m de terça-feira.

Camaradas, não basta haver coragem, para se vencer as lutas. E necessário ser corajoso, sim, mas sem organização clandestina não há vitória. Aprendamos todos de uma vez para sempre que "NÃO AS COMISSOES", é a palavra de ordem justa.

E necessário para obter sucesso na luta a organização clandestina dos operários mais conscientes, que oriente as massas e una os trabalhadores até à vitória total das suas reivindicações e prepare os operários para lutarem mais e melhor até à liquidação da exploração capitalista.

FORMEMOS COMITÉS OPERÁRIOS POR TODA A PARTE  
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR



## sometos - guimarães

No dia 17 de Outubro, foi dia de pagamento, os operários do 3º turno verificaram a vitória da luta que haviam travado no mês de Setembro (noticiada no G.P. n 18) pois havia mais 15% de aumento, na percentagem nocturna dos seus salários.

Para os operários (na sua maioria mulheres) do 1º e 2º turnos não houve aumento nenhum as operárias revoltadas resolveram lutar também pelos seus direitos. No dia 18, às 6h 20m os operários largaram o trabalho e iniciaram uma paralização. Exigiam também o aumento de 15% e recusavam-se a trabalhar enquanto não houvesse uma resposta clara e afirmativa.



Gerou-se o pânico e a confusão entre os "mandriões"- encarregados, mestres, engenheiros - que acabaram por dizer que nada podiam responder nem decidir pois eles também eram empregados.

As 8 horas chegou o patrão (Melo) que prometeu aumentos e os operários pegaram ao trabalho.

As operárias do 2º turno, logo à chegada foram informadas pelas companheiras da luta que tinham travado. Então elas decidiram continuar com firmeza a luta das colegas e não pegaram a trabalhar. De novo a confusão e as aldrabices dos engenheiros, mas as operárias já prevenidas mantinham-se unidas e inabaláveis na sua decisão de fazer greve. Algumas foram mesmo embora para casa. Passado algum tempo chegou a filha do patrão que confirmou às operárias o prometido aumento. Estas pegaram ao trabalho.

Camaradas, desta luta temos de tirar algumas conclusões:

1º só a luta, cuja arma principal neste momento é a greve, consegue fazer ceder os patrões.

2º a luta tem de ser firme e unida. UM POR TODOS E TODOS POR UM até ao fim, até vir aquilo que exigimos. As aldrabices, os prazos para ganhar tempo e as meias medidas não podem fazer parar a luta, nem por pouco tempo, antes devem ser logo denunciadas e combatidas com o endurecer da luta.

3º as mulheres, que constituem a maioria dos trabalhadores no 1º e 2º turno são tão capazes de lutar como os homens e estão dispostas a fazê-lo. A sua participação na luta é indispensável para a vitória total.

Entretanto apareceu na zona uma tarjeta que apela os trabalhadores a organizarem-se para a luta, que transcrevemos.

"Camaradas operários e operárias da Somelos: ultimamente temos travado firmes e justas lutas por aumentos de salários. O 3º turno saiu já vitorioso. Os outros turnos também têm direito a aumento.

Continuemos unidos e vigilantes na nossa luta CONTRA A EXPLORAÇÃO DOS CAPITALISTAS. A greve é uma das nossas armas mais poderosas se a soubermos usar com firmeza. A firmeza consegue-se com a união de todos os operários - UM POR TODOS, TODOS POR UM! Assim se alcança a vitória e se evitam os castigos e despedimentos, armas cobardes dos patrões. Para isso devemos organizar-nos em comités operários secretos, agrupando aqueles de nós mais conscientes e firmes. Os comités secretos de operários são a cabeça indispensável para dirigir todas as lutas. Sem estes organismos capazes de dar uma voz única às aspirações de todos nós, não podemos encarar futuras lutas com confiança, com certeza de as vencermos.

Só assim organizados poderemos combater com sucesso os patrões e a cambada de "engenheiros" e todos aqueles que se alimentam de suor e do sangue dos operários.

Camaradas, a nossa força é a união. LUTAR REVOLUCIONARIAMENTE contra os exploradores é lutarmos pelo nosso futuro e pelo dos nossos filhos.

Por aumentos de salário, contra a Guerra nas Colónias, que só interessa aos patrões, contra o aumento do custo de vida lutemos corajosamente."

VIVA A JUSTA LUTA DOS OPERÁRIOS E OPERÁRIAS UNIDOS CONTRA A EXPLORAÇÃO !

VIVA A REVOLUÇÃO POPULAR !

FORRADA NOS LACAIOS ALVES, VALE, ETC. NADA DE IRMOS NA CONVERSA DELES !

ORGANIZEMO-NOS

(Um grupo de trabalhadores)

LISBOA  
plessey

A Plessey Automática Eléctrica Portuguesa, SARL, que faz os telefones para Portugal é uma empresa de capitais mistos ingleses e portugueses que tem como administradores, liberais como o Pinto Balsemão e 'democratas' como o Bursdorf da Silva (da família Espírito Santo). Esta empresa está dividida em duas fábricas: uma em Cabo Ruivo e outra em Corroios, emprega ao todo 7 000 pessoas das quais 5 000 são operários.

Nesta empresa como em todas as fábricas de montagens eléctricas que exigem um trabalho de precisão, a maioria dos operários é constituído por mulheres. Isto permite aos patrões pensarem que podem obter o mesmo trabalho por metade do preço, além disso segundo eles dizem: "as mulheres aguentam melhor um trabalho de precisão duro, cadências maiores e não refilam tanto..." Assim os salários de miséria das mulheres giram à volta de 2 000\$ 00 enquanto que os homens recebem cerca de 5 000\$ 00 pelo mesmo trabalho. Tendo em conta o aumento do custo de vida, salários destes não chegam nem para comer até ao fim do mês. A isto acrescentam-se as cadências infernais, um trabalho que estraga os olhos ao

fim de uns meses, os transportes demorados que obrigam a sair de noite e entrar de noite em casa. O horário de 9 horas também é infernal, com entrada às 8h, dois períodos de 1/4 de hora a meio da manhã e a meio da tarde e só 45 minutos para almoçar !

Desta vez (como já anteriormente tinha acontecido), e como sempre, os patrões viram o tiro sair-lhes pela culatra. Mais uma vez, os operários com as mulheres à cabeça mostraram que unir fazem tremer patrões, administradores e o governo de pés de barro vendido ao imperialismo estrangeiro.

Dia 24, as operárias começaram a fazer cera logo de manhã, acabando por parar completamente de trabalhar durante a tarde. A greve com ocupação da fábrica, começando em Cabo Ruivo, rapidamente alastrou a Corroios, sendo seguida pela totalidade das operárias. No 1º dia, às 5h, a gerência tendo à cabeça os engenheiros Murteira, Patricio e Mendonça mandaram o filho da puta do Major pedir às operárias que se fossem embora qo que estas se recusaram gritando: "vai-te embora tu bandido, nós queremos é mais dinheiro!"

Imediatamente a administração reuniu-se e disse que receberia uma comissão de 2 operárias por secção. As comissões foram formadas, no entanto as operárias ameaçaram dar-lhes porrada se estas cedessem. As reivindicações, além de exigirem um aumento de salários exigiam também o cumprimento de CCT do "sindicato" dos electricistas com efeitos retroactivos a partir de Novembro (e não a partir de Fevereiro).

Em Corroios uma das reivindicações era que o tempo perdido em transportes (muito demorados), fosse contado nos salários.

Dia 26, a administração acagaçada que a notícia da greve viesse cá para fora, pediu que esta parasse fazendo uma comunicação em que prometia: "que os ordenados seriam revistos em Janeiro... e que levariam em consideração, como é justo, o aumento do custo de vida".

Entretanto, a greve continuava firme e unida; em Cabo Ruivo um dos chefes de secção que tentava acalmar a justa violência das operárias, foi escorraçado e pôs-se a chorar. Alguns quadros solidarizaram-se com as operárias, entrando em greve. Veio também a notícia que, à semelhança da greve da Grundig, os operários da Plessey na Inglaterra também tinham entrado em greve.

Na mesma 6ª feira, cerca de 2 000 operárias e operários da Standard Electric Portuguesa em Cascais, passaram de uma reunião sindical à greve de solidariedade e por aumento de salário mínimo para 3 000\$00.

Em Corroios, a delegada sindical assumindo o seu papel de lambe-botas dos patrões, traíndo as operárias, tentava conciliar dizendo: "não façam greve, tudo se resolverá !" Contudo, nem esta traição, nem as ameaças feitas pelos bufos do INTP de que a polícia entraria na fábrica com tanques 2 feira, se a greve continuasse; nem isso conseguiu esmorecer a força e o ânimo das grevistas.

Terça-feira dia 30 alguns homens começaram a furar a greve, e a comissão de operárias voltando com uma promessa de aumento para Janeiro contribuiu para o final da greve.

Camaradas ! As comissões só servem para atrasar e destruir as nossas lutas directas contra a exploração dos patrões. Mais uma vez, os "sindicatos" fizeram o jogo da administração contra nós. Acabemos de uma vez para sempre com o paleio de conciliação gerado por eles com os patrões, o nosso caminho só pode ser um: greve total com ocupação dos locais até ao cumprimento total das nossas reivindicações. Aos "sindicatos" fascistas vendidos substituamos Comitês Operários clandestinos, base dos futuros sindicatos vermelhos verdadeiramente ao nosso serviço.

Em Janeiro, a luta interrompida continua. Desta vez, mais bem preparadas contra as falcaturas dos patrões e dos "sindicatos", reforçadas com a nossa experiência e com a solidariedade das nossas camaradas das outras empresas, exijamos aumentos a sério, melhores condições de segurança no trabalho, intervalos maiores, e para o mesmo trabalho salários iguais para os homens e para as mulheres.

Desde já, organizemo-nos em Comitês Operários clandestinos para discutirmos o caminho a seguir.

**NÃO ÀS COMISSÕES CONCILIADORAS ! ALERTA COM OS SINDICATOS VENDIDOS !  
PARA TRABALHO IGUAL, SALÁRIO IGUAL !  
FORMEMOS COMITÊS OPERÁRIOS !  
UNIDAS CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA VENCEREMOS !**

## barreiros

Os operários desta fábrica já há 2 ou 3 meses que vêm a lutar por melhores salários e já estão cansados de estar à espera do novo Contrato colectivo de trabalho.

A sua luta tem sido de altos e baixos e por vezes tem havido tentativas de greve que não têm resultado, caindo geralmente numa paralização de uma ou outra secção e de "cera" em que a produção baixa para muito menos de metade.

Esta cera que tem vindo a desenrolar-se todos os dias e na semana de 7 a 13 de Outubro atingiu o seu auge em que a greve esteve à vista. A produção diária que andava pelos 34 carros passou de repente para 4 a 3 carros por dia.

O director que é um americano ameaçou fechar a fábrica despedindo toda a gente, se a produção não voltasse ao normal. A cera continuou apesar das ameaças.

Camaradas em frente para a greve, organizemo-nos!

## pinhal novo

Na Sociedade Harmónica Pinhalnovenese, realizou-se uma sessão onde foi o presidente da Câmara de Palmela. Os habitantes da zona compareceram lá, enchendo a sala e ficando alguns fora. Contudo as massas não foram lá com a intenção de dar vivas ao presidente como a princípio podia julgar-se e assim julgou o presidente da Junta de freguesia. As massas foram lá discutir e para principalmente "foderem tudo e se for preciso o presidente". E isto porque? Porque em Pinhal Novo, não há água, não há luz e não há esgotos.

As massas odeiam o presidente da Câmara, visto este reverter só o dinheiro do concelho para Palmela devotando todo o desprezo pelas outras freguesias.

Quando as massas entraram, o presidente da junta começou a falar pois já havia um burburinho que levou o presidente a começar por dizer "tenham calma!" que é para resolver os nossos problemas que estamos aqui, portanto calma e nada de desordem". Depois começou a falar o presidente da Câmara, as massas pediam para falar, ele dizia que no fim da sua intervenção. No fim do discurso as massas riam e só batiam palmas as "individualidades do concelho presentes". Depois começou a chuva de perguntas, como: "porque é que se arranjou a estrada para o Marcelo passar e há mais de meia dúzia de anos que não a arranjavam?" "Onde está o dinheiro para a electrificação da zona que a câmara de Setúbal cedeu?" A esta pergunta começaram alguns a chamar "Gatunos". As massas apoiavam os inquiridores e o presidente só pedia já acagaçado "calma" e mais "calma" e no meio de tantas perguntas sem resposta o vampiro acabou a sessão devido ao "adiantado da hora". No fim a GNR protegia o gatuno.

Esta luta é importante pois o presidente da Câmara ia para ali fazer propaganda a favor do Marcelo, mas o povo mostrou-lhe o ódio que tem a essa cambada de vampiros que à custa dos trabalhadores enchem a pança e os cofres.

Esta luta faz parte do boicote activo à fantochada eleitoral.

Força camaradas, unidos derrotaremos os nossos inimigos!

## gefa—alhos vedros

## NOVEMBRO

Os imperialistas estrangeiros, aos quais o governo dos capitalistas portugueses e do Caetano se vendeu vêm para Portugal instalar as suas fábricas e arranjar mais valias maiores à custa dos baixos salários que pagam aos operários.

Ultimamente, em muitas fábricas (especialmente as empresas eléctricas, textéis, etc.) os capitalistas começaram a empregar mão de obra feminina, pelo que ainda pagam menos, dobrando os seus lucros. Mas também ultimamente as operárias têm por toda a parte a dianteira de lutas importantes por salários iguais aos dos homens, aumentos, nelhoria nos horários. Assim o mostram a grande greve da Grundig e a mais recente das greves da Plessey, Standard Electric, Sigtetics, em todas estas fábricas a mão de obra é na sua esmagadora maioria constituída por mulheres, é os capitalistas são em parte ou totalmente estrangeiros.

Assim também em Alhos Vedros na fábrica de confecções sueca Gefa, as operárias entraram em greve no dia 9 de Novembro pelas 14 horas. Já em tempos, tinham estado em greve, obtendo na altura um aumento de salários. Agora, exigiam 90 00 diários, cerca de 20 00 de aumento. A greve porque carecia de organização não obteve a adesão total das operárias.

Tudo começou quando os delegados sindicais agindo por iniciativa própria e por de-

trás das costas das que eles dizem representar foram concluir um "negócio" com os patrões, trazendo da "conversinha" o aumento miserável de 10 00 por dia. Mas as operárias que já tinham lutado no começo do ano com 8 dias de greve, contra a qual nem as intimidações da Pide e da GNR resultaram, não concordaram e pararam de trabalhar mantendo-se nos seus lugares.

Desta vez porém a falta de organização fez-se notar, e as operárias deixando-se ir na conversa do principal laço dos patrões o Brás Pinto, acabaram a greve ao fim de dia e meio de paralização. O tempo da greve foi descontado nos salários e 20 operárias já foram despedidas.

Esta greve foi uma derrota, pois não se conseguiram os aumentos e provocou despedimentos, mas mostrou às operárias que só o caminho da greve é a actual arma para as reivindicações serem alcançadas.

Por outro lado, mostrou que era necessário e urgente criar uma organização interna, um comité das operárias mais conscientes que saiba conduzir a luta até à vitória. Esta greve, apesar de não ter saído vitoriosa, reforça a tradição e o poder de luta contra o capitalismo e o imperialismo estrangeiro.

Esta fábrica que tem cerca de 500 operárias, pertence a capitalistas suecos com um representante sueco da exploração cá em Portugal, mandam as portuguesas produzir as roupas cá e exportam os produtos para serem directamente consumidos e vendidos a preços muito superiores.

**CAMARADAS:**

**LUTEMOS PELA ORGANIZAÇÃO DAS NOSSAS GREVES !**

**CONTRA OS DESPEDIMENTOS !**

**CONTRA A DUPLA EXPLORAÇÃO DA MULHER !**

**ABAIXO O CAPITALISMO ! FORA COM OS IMPERIALISTAS E SEUS LACAIS !**

**Em frente pela formação de um comité operário na Gefa !**

## eduardo jorge — venda nova e queluz

"Desde princípio de 1972 que a empresa Eduardo Jorge da Venda Nova e Queluz de Baixo não aumenta os salários alegando não ter dinheiro. E para onde vão os 2 000 contos de lucro mensais? Onde arranja a empresa dinheiro para investir na sociedade Urbi Jorge de construções e prédios de rendimento? A super exploração que os srs. Pedro Jorge e António Jorge retiraram dos salários de miséria pagos aos motoristas, cobradores e mecânicos, acrescenta-se o não cumprimento das próprias leis burguesas do CCT do "sindicato" dos motoristas:

- os dias de folga são pagos a 200% e não a 300% como manda o contrato.

- As horas extras em vez de serem pagas a 50%, só são pagas a 25%.

- Além disso não existe escala rotativa de serviço, e os trabalhadores são obrigados a fazer intervalos de 6 horas entre o largar e pegar de novo, em vez de 3 horas, que é o máximo a que obriga o CCT. Assim, num trabalho sem horários fixos, ficam os trabalhadores sem tempo livre para descansar em suas casas.

Os passageiros também são prejudicados, na medida em que são as piores camionetas que servem as zonas rurais (Belas, a de Beja, etc.) e não as mais modernas que só são destinadas ao aluguer.

Quando uma delegação de motoristas foi ter com o chefe do contencioso Pestana Bastos para acabar com as 6 horas de intervalo, este laço dos patrões descartou-se atirando as culpas para secção de tráfego. Outra delegação foi na sexta-feira dia 2 com o Rosário delegado do "sindicato", falar com o chefe do tráfego. Este, diante da argumentação e sabendo da ilegalidade da existência das 6 horas de intervalo, limitou-se a dizer que a administração é que resolvia.

Entretanto em Queluz de Baixo os trabalhadores juntaram-se, gritando: "ladrões! bandidos! Camaradas! Exijamos não só o cumprimento das leis do Contrato Coletivo de Trabalho, mas também aumentos de salário. Acabemos com os intervalos de 6 horas. Exijamos que as nossas colegas cobradoras recebam pelo mesmo trabalho que os homens, salários iguais! Camaradas, deixemos de trabalhar nos dias de folga!

Para obtermos os nossos direitos, nada de paliativos com os patrões, nada de comissões, com os vendidos dos delegados "sindicais". Temos de lutar pelo que queremos e a nossa arma é a greve imediata ou cerra no trabalho e não cobrança dos bilhetes. Expliquemos aos passageiros (trabalhadores como nós) o sentido da nossa luta!

Formemos um comité secreto de motoristas, cobradores e mecânicos para discutirmos os

nossos problemas e decidirmos os caminhos a seguir na luta!

UNIDOS NA LUTA PELAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES !

NÃO ÀS COMISSÕES "SINDICAIS" !

NÃO AO TRABALHO NOS DIAS DE FOLGA ! NÃO ÀS HORAS EXTRAS !

EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DUM COMITÉ DOS TRABALHADORES DA EDUARDO JORGE !

UNIDOS CONTRA A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA ! "

(Panfleto distribuído em Novembro por um Comité revolucionário de aço à luta na Eduardo Jorge).

## signetics - setúbal

### É PRECISO CONTINUAR A LUTA

Os imperialistas americanos, alemães, etc., têm muitas formas para explorar e oprimir os operários portugueses. Desde há vários anos que vêm montando grandes fábricas modernas, e um dos ramos que mais lhes interessa é o de artigos eletrónicos (peças para rádios e televisões, para telefones, radares, etc., e mesmo circuitos para computadores). A Signetics Eletrónica é uma dessas fábricas. Os patrões e o capital, os técnicos e o material, são americanos. A produção vai toda para os Estados Unidos. O que é que eles vêm buscar? Eles vêm buscar o trabalho, o suor e os sacrifícios de milhares e milhares de escravos que têm de se sujeitar aos baixos salários, que têm de se sujeitar às doenças provocadas pelo trabalho difícil e cansativo com peças minúsculas que obrigam a puxar pela vista que ao fim de poucos anos transforma as jovens operárias em cansadas da vista, em cegas.

Nas condições de vida tão difíceis como as de hoje estas coisas não se suportam sem ódio e sem vontade de revolta. As operárias e os operários da Signetics durante 6 dias sustentaram uma dura greve pelas suas justas reivindicações, por 3500.00 de salário e para não trabalhar ao sábado. Essa greve terminou mas a luta continuará.

A falta de organização clandestina, a falta de um Comité Operário que soubesse no devido momento esclarecer as massas e lançar as palavras de ordem justas, a falta de organização de piquetes de greve, a falta de uma assembleia das operárias e operários que reunisse os três turnos para deliberar através de uma discussão e votação séria e livre quais as reivindicações que deveriam ser exigidas do princípio ao fim sem que ninguém tivesse dúvidas, foram as principais razões que levaram ao fracasso da luta neste momento e daí devemos tirar preciosas lições para o futuro.

Camaradas da Signetics, nada de desanimar! A derrota é a mãe da vitória, se soubermos aprender com os erros cometidos desta vez, na próxima venceremos. As melhores camaradas foram despedidas e os vampiros capitalistas pretenderão despedir mais. Reforcemos a nossa unidade e lutemos contra os despedimentos e pelas nossas reivindicações, pois as promessas deles não passam de póeira que querem lançar-nos aos olhos.

Para vencermos as nossas lutas temos de usar a violência de massas, temos de mostrar a nossa força e temos de deixar bem marcada na carne e nos ossos dos bandidos que nos exploram e humilham e de todos os seus laços e fura-greves. Não há que ter medo, há que ter coragem. O futuro pertence à classe operária!

No primeiro dia da luta apareceu na fábrica um panfleto assinado por "Um grupo de operárias e operários" de que transcrevemos estrato:

"CAMARADAS OPERÁRIAS E OPERÁRIOS DA SIGNETICS"

Há já muito tempo que desejamos aumentos dos nossos salários. O tempo vai-se passando e continuamos a receber a miséria de 50 00 e à espera que nos dêem os sábados. Os patrões americanos só sabem fazer promessas e dizer que não podem fazer nada, que estão a tratar do assunto. Entretanto obrigam-nos a trabalhar cada vez mais para aumentarem a produção e ganharem mais dinheiro à nossa custa. Construíram esta fábrica cá porque lá na terra deles, teriam que pagar muito mais dinheiro para as operárias fazerem o mesmo serviço. Pensam eles: "Assim damos 50 00 escudos às portuguesas e elas ficam todas contentes".

Temos uma vida de escravas nesta sociedade capitalista. Como os salários dos nossos homens não chegam para sustentar a família, somos obrigadas para a fábrica onde nos pagam salários de miséria muito inferiores aos dos homens. Os patrões sabem que empregando mulheres aumentam muito mais os lucros. Ora nós trabalhamos tanto como os homens nas fábricas e temos ainda que fazer o trabalho em casa que os patrões não se preocupam em tornar mais leves recusando-nos por exemplo o Sábado de descanso.

Camaradas, não nos deixemos enganar com as promessas dos que nos exploram. Temos o

exemplo da luta travada pelos nossos camaradas operários do turno da noite em Junho passado. A luta terminou então com a promessa de que haveria aumentos no fim do mês. Esses prometidos aumentos nunca vieram e muitos operários foram despedidos uma vez terminada a luta. Não queremos mais conversas com os patrões. Só com a greve conseguimos vencer! Não deixemos ninguém ser despedido!

LUTEMOS CONTRA OS SALÁRIOS DE MISÉRIA QUE NOS PAGAM!

NÃO ÀS COMISSÕES E AOS DESPEDIMENTOS!

GREVE ATÉ À VITÓRIA!

ABAIXO A DUPLA EXPLORAÇÃO DA MULHER!

ABAIXO A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA!"

## manhentex - barcelos

Na fábrica Manhentex, situada na freguesia de Manhente, Barcelos, não foi pago o aumento que ultimamente saiu para a indústria textil (Março). Apesar de uma situação de aparente conformismo da parte dos trabalhadores, na sexta-feira, dia 17 de Novembro o pessoal da secção de tinturaria, 12 operários, ao ver que ainda desta vez não era pago o aumento, decidiu recusar-se ao trabalho: entrou para a secção e nem se deu à maçada de desligar as máquinas, que os operários do turno anterior tinham deixado a funcionar. Aconteceu por isso que algumas peças de malha se estragaram mas eles não se ralaram nada e deixaram correr. Ao ver isto, o chefe da secção tentou fazê-los trabalhar, ora prometendo que o aumento vinha, ora ameaçando, mas tudo em vão, não trabalhavam.

Então o encarregado fez vir de Viana um dos gerentes, o cunhado do patrão, este carasco entrou logo a ameaçar toda a gente com o despedimento ou mesmo a prisão. Como não obtivesse melhores resultados, chamou a GNR, que por sua vez apenas conseguiu, com grande dificuldade, levar os doze operários a irem-se embora para casa.

No dia seguinte, alguns foram chamados à Guarda para os assustar, e na Segunda-feira o patrão despediu-os.

Camaradas despedidos da Manhentex:

Só unindo as massas podemos vencer as lutas. Lutando sózinhos, lutando meia dúzia ou uma dúzia de operários, os patrões facilmente nos vencem, ameaçam, castigam a despedem, embora nós tenhamos razão.

Para os patrões recuarem temos de lhes opôr a força unida da grande massa dos trabalhadores, temos de nos organizar.

Esta pequena luta foi uma dura lição para os 12 camaradas despedidos. Aprender com todas as lições é a única solução para avançarmos vitoriosamente e para chegarmos à vitória completa contra a exploração capitalista e contra a miséria.

Contra as ameaças dos patrões façamos greve de massas ineditada e usemos a violência se for preciso. Quem trabalha é que tem o direito de levantar a voz e os punhos contra esses cães que comem à custa da nossa vida de sacrifícios.

AS MASSAS SÃO OS VERDADEIROS HEROIS!

UNIDOS OS TRABALHADORES SÃO INVENCÍVEIS!

## alumínia - porto

Operárias e operários deram mais um exemplo a toda a nossa classe. Como se deve lutar, como se deve responder aos sabotadores reformistas, como se deve enfrentar as ameaças permanecendo unidos até ao fim são as lições que devemos tirar desta luta que durou 4 dias e terminou vitoriosa, tendo os operários obtido:

1. Um mês de consóida (que tem de ser pago entre 1 e 12 de Dezembro).
2. Pagamento de todas as horas perdidas com a greve.
3. Direito ao 3 feriado (do CCT dos metalúrgicos); o deste ano a gozar em 31/12 e o do próximo ano a gozar no 1 de Maio.
4. Não haver despedimentos.
5. Quem não perder nenhuma hora, recebe mais um dia no fim do mês (prémio de assiduidade). Muitas operárias disseram imediatamente que para elas isso não significava nada uma vez que a cada passo têm de faltar e têm mesmo. Este prémio de assiduidade já antes existia. Quando saiu o novo CCT foi abolido, e agora os aristocratas revisionistas vão pedi-lo de novo.

Camaradas operárias e operários da Alumínia a vossa luta é uma justa luta e vós contaís com uma grande unidade. Organizai-vos em grupos clandestinos - Comitês Operários como têm feito os operários de muitas outras fábricas, agrupando os trabalhadores mais



conscientes e mais combativos, que preparem a continuação da luta. O Comité Operário será a única forma que vós tereis para defender a vossa unidade e as conquistas dessa luta. Sem organização a unidade facilmente se rompe e os patrões podem castigar os operários mais avançados um a um.

Seguindo as justas palavras de ordem de formar comités operários vós estais a preparar-vos para defender os vossos interesses e a vossa vida pois a classe operária como todo o nosso povo está em condições cada vez piores com a exploração e a miséria.

Lutar contra o patrão não basta. É necessário acabar com o capitalismo que só serve para chupar o suor e o sangue aos trabalhadores enquanto a burguesia enche os cofres e a pança.

Os tempos que se aproximam serão de duras lutas por causa da crise que hoje atravessam os imperialistas, o regime do Marcelo e os nossos patrões. O povo vê a fome e a miséria aproximar-se e terá de se revoltar. Sem organização, as massas são derrotadas e a escravatura será a dia pior.

Unida e organizada, a classe operária à frente de todo o povo poderá erguer-se corajosamente para defrontar todos os inimigos que apareçam pela frente, pois a nossa causa é justa e a Revolução Popular é a única via para a salvação do povo contra o fascismo, contra a miséria, contra a dominação imperialista.

Pelo pão, pela Terra, pela Paz, pela Democracia Popular.

VIVA A CLASSE OPERÁRIA !

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR !

A greve na Alumínia começou na 3 feira dia 20 de Novembro. À 1 h. os operários da secção das garrafas (Cidla), saíram para o almoço e avisaram os camaradas das outras secções que já tinham despedido ao meio dia para entrar à 1 hora. Estes quando entraram já não começaram a trabalhar.

A secção do cobre entrou em greve logo que da secção de garrafas vieram operários dizer que já tinham parado.

Durante a tarde de 3 feira, o Saraiva e os restantes encarregados fizeram várias ameaças mas nada conseguiram. Os reformistas insistiam em que "não se tratava de uma greve", mas de uma "paralisação". Insistiam em que aquilo não era política mas apenas puxar os seus direitos. Insistiam com os operários para que se mantivessem ordeiramente nos seus lugares, e que, se quizessem discutir que falassem de tudo menos da greve e da política,

Na 4 feira vieram os fiscais do Tribunal de Trabalho que perguntaram aos operários porque é que não trabalhavam. Como eles respondessem que era pelos seus direitos e perante a sua firmeza, os fiscais viraram-se para os encarregados e disseram que então não era com eles. Deu discussão e os operários chegaram a agarrá-los pela gola. Tiveram de se identificar aos operários.

Na 5 feira apareceram lá mais dois gajos, deviam ser da Pide, não demoraram muito, disseram que iam falar à gerência e não voltaram.

O Saraiva veio então com a proposta de formação de uma comissão de 20 a 30 operários para irem falar com o patrão. Os operários deram-lhe a resposta justa dizendo que para falar era com todos e que se o Dr. Tirso quizesse que viesse ele próprio à fábrica.

Na secção de embalagem houve duas operárias que furaram. O Saraiva aproveitou-se destas para tentar dissuadir as outras. Fez ameaças mas foi logo avisado que parasse com isso porque se poderia arrependar. Este miserável lacaio sempre que vinha com uma das dele dirigia-se primeiro às mulheres esperando que entre elas houvesse mais medo. Estas, no entanto, sempre que ele atacava faziam logo sinais aos homens para que eles se chegassem. Além disso, muitas delas estavam preparadas para a luta, Uma tinha posto a pergunta: e se a polícia vier? Logo várias disseram que lhes dariam por rada e pegaram nas chaves dos tomos que passaram a estar à mão. Os próprios operários tomaram as suas medidas, discutindo, sem esperar qualquer ajuda dos reformistas.

Os encarregados tentaram novo golpe: que comessem a trabalhar e só então o patrão vinha.

Às 5 horas de 6 feira veio então o Dr. Tirso. Todos os operários reunidos, ele pôs-se num ponto mais alto; disse que "estava muito triste", que aquilo nunca tinha acontecido e que estava ainda mais triste por não terem ido falar com ele. Aí o lambo-botas Camarinhas disse: "Saiba V. Exa. que não fomos porque não acreditámos na pessoa que no-lo tinha vindo dizer (o Saraiva), porque se soubessomos que V. Exa

nos tinha recebido tinhamos ido".

O Dr. Tirso disse que já estava tudo resolvido e que as exigências dos operários seriam todas satisfeitas.

Dias mais tarde, o patrão chamou os que tinham furado e deu-lhes 2 000 00 a cada um.

Os lacaios reformistas do "sindicato" dizem que o tal Dr. Tirso é um homem sério, que se pode confiar nele, que se ele prometeu é porque dá mesmo. Alerta camaradas o que esses traidores pretendem com esse paleio é desmobilizar-nos, todos nós sabemos o que fez recuar o patrão. Seria a sua seriedade ou seria a nossa luta? "sses re-negados "sindicais" são mesmo uns lacaios descarados.

Na 6 feira dia 23/11, uma operária foi chamada à enfermaria. Sem se lembrar que a enfermeira nunca estava lá da parte da tarde, foi. Estava lá o Rafael, o chefe do controle que lhe disse em tom de ameaça que se ela quisesse continuar na fábrica que se portasse muito bem, não andasse sempre a sair do seu lugar e a conversar com as outras. Quando a operária voltou contou o que se tinha passado, na secção foi uma indignação geral, que ela se deveria ter vindo embora, que deveria ter começado a gritar e que se ele quizesse falar com ela era na secção.

Quando o patrão deu os 2 000 00 a cada fura-greve foi afixado um cartaz nas retro-tes dizendo que aquele era o prémio dos escovas. Foi bastante apoiado.



## SOLIDARIEDADE COM OS ESTUDANTES

A luta dos estudantes tem avançado nos últimos anos. Hoje ela abrange a grande massa dos estudantes, sujeitos à repressão fascista e à mobilização forçada para a tropa colonialista.

A luta actual dos estudantes do Técnico é um exemplo.

Transcrevemos algumas passagens de um panfleto estudantil (dos Núcleos Sindicais de Coimbra) de solidariedade com a luta do Técnico (Lisboa) que nos informa das razões dessa luta:

"A luta do Técnico é uma parte da luta dos estudantes contra a opressão da burguesia fascista no ensino.

Desde o dia 3 de Maio os estudantes do Técnico (I.S.T.) têm desenvolvido uma heroica luta contra a repressão fascista com que a burguesia pretende dominar o Movimento Estudantil.

Empenhada na concorrência com os países capitalistas "avançados" da Europa, a classe dominante atira-se para uma exploração cada vez mais desenfreada do povo português e das colónias. No entanto, a resposta das massas não se tem feito esperar e obriga a burguesia, atacada por todos os lados, à intensificação crescente da repressão fascista. É dentro deste contexto que temos de compreender a importancia actual das lutas progressistas dos estudantes e o porquê da feroz repressão com que a burguesia as pretende deter. Em inúmeras escolas do país um número cada vez maior de estudantes compreende e revolta-se contra o caracter rescibnário do ensino que nos querem impor -contra os intensos ritmos de trabalho, contra a intensificação da selecção e contra os decretos militares que a todo o momento nos ameaçam com o espectro da tropa; contra a proibição sistemática dos direitos de livre informação, reunião e discussão política dos nossos problemas; contra as crescentes medidas disciplinares dos Conselhos Escolares e das "accessórias jurídicas", e as constantes intervenções da policia, prisões e espancamentos de colegas nossos, etc.. Por todo o lado milhares de estudantes manifestam a sua recusa de um ensino ao serviço de uma minoria de exploradores desenfreados e a sua vontade de lutar por um Ensino ao Serviço do Povo numa sociedade transformada e dirigida pelos trabalhadores.

ABAIXO OS LACAÍOS DO PATRÃO  
COMO O L. VIANA E O  
CARVALHO



VIVA A REVOLUÇÃO POPULAR

o grito do Povo

COMITÉ MINHO  
VERMELHO

Foi com esta pichagem num portão dos Estaleiros de Viana do Castelo e com muitas outras semelhantes em muros bem visíveis das entradas da cidade que COMITÉ OPERÁRIO MINHO VERMELHO anunciou à classe operária e ao povo de Viana e arredores a sua formação mostrando bem a linha revolucionária que defende.

O regosijo e o aplauso foram as belas reacções dos trabalhadores, a confusão e o desespero foram as velhas reacções dos burgueses e seus lacaios.

EM FRENTE NA ORGANIZAÇÃO DAS MASSAS !  
VIVA A CLASSE OPERÁRIA !

## ESTUDANTES

Solidariedade com a luta do TÉCNICO (conclusão da página anterior)

Mas isso a burguesia não pode de forma alguma permitir e portanto não hesita em mobilizar todas as suas forças repressivas, dos gorilas à Frente Universitária, da pida e dos choques aos Conselhos de Escola, para tentar deter as nossas justas lutas ao lado do povo. Foi o que aconteceu no Técnico.

OS FACTOS - A luta iniciou-se em Maio, como já dissemos, no seguimento das lutas travadas em Lisboa e particularmente na Fac. de Letras contra a entrada dos vigilantes nas escolas, O Presidente da Associação de Estudantes do IST é preso e a Associação encerrada.

Imediatamente os estudantes entram em greve geral pela libertação dos colegas presos. O C. E. para ganhar tempo e "arrefecer os ânimos" a fim de recuperar o controle da situação encerra o IST sem contudo impedir que se fortaleça cada vez mais a consciência de luta da esmagadora maioria dos alunos do Técnico. Por fim, cancela o semestre ameaçando com o chumbo colectivo de milhares e milhares de estudantes.

Em Julho os estudantes decidem greve aos exames da 2.ª época do 1.º semestre. As autoridades tomam medidas excepcionais para proteger os furas: o IST é cercado por polícia e bufaria que por vezes ataca os piquetes; no interior do Instituto as autoridades académicas conduzem os furas, barrican os pavilhões, chegam a mobilizar 17 assistentes para fazerem exame a 5 furas; aluga-se uma camioneta para o transporte dos furas e por fim firma-se um contrato com a Perdigo Queiroga para a filmagem dos estudantes que estavam nos piquetes. No entanto, apesar de tudo isto a percentagem de furas não ultrapassou 1%.

OS OBJECTIVOS - A luta prolongada dos estudantes do Técnico desenvolvida até então cifrou-se numa grande vitória dos estudantes unidos contra a repressão fascista. Entretanto novos problemas surgem, entre eles as prescrições e as consequências dos recentes decretos militares que ameaçam com uma incorporação forçada milhares de estudantes. Além disso o governo intensifica a militarização do IST impondo a permanência quase constante da polícia na escola e ameaçando com a entrada de 70 vigilantes. A reacção a isto não se fez no entanto esperar e as palavras de ordem de "CONTRA A MILITARIZAÇÃO DO ENSINO" e "PASSAGEM ADMINISTRATIVA PARA OS ESTUDANTES COM PROBLEMAS MILITARES" ocupam lugar de destaque entre as principais reivindicações...

Apesar de na época de Outubro os exames terem sido de novo forçados sob as ameaças da polícia que encheu o Instituto, num total de cerca de 6000 alunos só 400 fizeram exame. As aulas chegaram a recomeçar mas pouco depois o Técnico foi de novo encerrado para impedir a realização de reuniões gerais de alunos.

As lutas de massas dos estudantes são um forte potencial revolucionário. Sob a direcção da palavra de ordem da Revolução Popular as massas estudantis constituem uma força ao lado dos operários, camponeses, soldados e dos outros sectores revolucionários da pequena burguesia.

ESTUDANTES UNI-VOS PARA LUTAR CONTRA O FASCISMO, AO LADO DO POVO !

# NAZARÉ

FORA COM O GATUNO PRESIDENTE DA CÂMARA

LADRÃO DAS TERRAS E DO DINHEIRO DO POVO

O que mais por aí é vigarice, exploração e miséria; os ricos bem inchados de presunção e do sangue nos sugam.

O patrão-mor, esse sacana do Caetano, tem ainda o descaramento de vir para a TV enfiar-nos o barrete de que o nosso país está em progresso, de que o que é preciso é que nos saibamos desenrascar, de que os capitalistas são ricos porque se fartaram de trabalhar e outras que nos quer meter pelos olhos dentro para nos voltar, a nós que trabalhamos, uns contra os outros, e fazer assim com que nós nos voltemos contra o nosso verdadeiro inimigo: a corja de sanguessugas capitalistas que vivem à nossa custa. Este sorridente pateta alegre está muito bem fornado em vigarice.

Mas claro que todos nós sabemos o que vai por esse nosso Portugal, o que nós sofre nos na mão desses bandidos. (Raios partam esses filhos da puta!). Nós aqui também não podemos escapar. Esta gatunagem é tão descarada que se dá ao luxo de falsificar faturas "de compra" de terrenos e assim roubar os donos que ficam sem o terreno e sem o dinheiro, como fez o "Meirin"-Castro e Silva- vigarista de serviço, como presidente da Câmara, que se abarbatou com os 1 300 contos dos "melhoramentos", que cagou para as estradas e para o povo de Valado e que apenas fez uma espécie de parque de autonóveis na Nazaré. A isto chama-se roubo descarado. A isto chama-se abusar da paciência de todos nós, população e povo trabalhador da Nazaré e Valado. Estes sacanas são mesmo descarados demais! E depois a fazer parrelha com o "Meirin", temos aqui a bela rez do fiscal Carneira que abusa do terror e das ameaças para conseguir levar a cabo todas as vigarices que lhe vão engordar a pança.

A vida está cada vez mais cara, e como se isso não bastasse ainda nos fazem pagar mais contribuições. Para nós, trabalhadores, pescadores, empregados, pequenos comerciantes, isto está cada vez pior porque os vigaristas burgueses sentem-se à rasca e só com a exploração do nosso trabalho é que poderão viver à larga e à valentona.

Também é uma pouca vergonha a segurança e a assistência que os pescadores têm. Ainda há dias morreu um nosso companheiro pescador porque lhe faltou assistência. Se existissem boias de salvação e postos de socorro para os que trabalham na faina do mar, o nosso companheiro não teria morrido. E nós bem sabemos que as "autoridades marítimas" só servem para nos lixar, para nos oprimir e nos explorar, e nunca para nos ajudar e muito menos para nos socorrer. Foi o que aconteceu a esse nosso companheiro que morreu. Esses senhores que se dizem autoridades responsáveis nem sequer apareceram para socorrer o nosso camarada. E esses inchados que se julgam muito importantes e nos olham de cima como quem olha para escravos, nem sequer ligaram à morte nem à vida dum homem que trabalhava.

Mas estes sanguessugas se nós quisermos acabam. Eles agora ainda são arrogantes, inchados de importância, mas quando nós todos quisermos havemos de os mandar para a puta que os pariu! Sim, quando nós quisermos acabar com esses ladrões e quisermos o que é nosso: as fábricas, os campos, os barcos, a vida digna de honens, a exploração que estes gajos nos fazem acabará também, porque nós faremos a Revolução Popular e formaremos um governo de operários e do povo e acabaremos com os ladrões capitalistas. A nossa pátria será do povo, uma pátria rica e próspera, porque as riquezas serão de todos e não dum punhado de filhos da puta que vivem à nossa custa, os explorados que são a maioria. Para que conquistemos a liberdade e a vida radiosa do socialismo é preciso que nos organizemos onde quer que nós encontremos, e lutemos para que pouco arrancamos da mão dos ladrões capitalistas aquilo que é nosso, até à vitória final. O caminho é difícil. Os exploradores ainda são fortes e ainda têm grandes vantagens pelo lado deles e não nos dão o que é nosso de boa mente. Mas isto não é razão para que desanimemos e não lutemos. Antes pelo contrário, ainda é razão maior para nos levantarmos e os encarmos de frente. Nós nada temos a perder. Tudo temos a ganhar. A vitória final será nossa. Onde o povo se tem levantado em luta, os vampiros exploradores têm recuado acagaçados com a força da nossa união. Os burgueses é que perdem a mama do palacete, da boa vida, do mercedes, os casacos de peles, as jóias de ouro, etc, etc..

(panfleto distribuído em Outubro por: Um grupo de habitantes trabalhadores revolucionários da região).

# CHILE O POVO TEM O SEU PRÓPRIO CAMINHO

O povo Chileno está hoje sob a feroz ditadura dos generais fascistas, que depois de derrubarem o regime legal e reformista de Salvador Allende, se lançaram na perseguição do povo, tentando destruir toda a capacidade de resistência popular para estabelecerem o seu domínio terrorista, de lacaios do imperialismo norte-americano, defendendo a "ordem" capitalista contra os direitos de todo o povo, de modo a entregar às grandes companhias americanas as enormes riquezas do país: a riqueza humana, os nitratos, o cobre.

Para que possamos compreender o que se passa no Chile, e o que é necessário fazer para unir ferreamente o povo, para levar a Resistência Popular Armada à vitória a via mais clara é vermos o que dizem os marxistas-leninistas chilenos, os únicos capazes de definir uma linha vitoriosa baseada nos ensinamentos da teoria proletária e na análise justa da situação política concreta no Chile.

O texto que apresentamos é retirado de "CAUSA M-L", órgão do Partido Comunista Revolucionário, publicado sob o título:

**NAO ! AO IMPERIALISMO, AO FASCISMO, AO REFORMISMO, O POVO TEM O SEU PRÓPRIO CAMINHO**

A demonstração militar da quinta-feira, 29 de Junho constitui mais uma etape lançada pelos reaccionários e por algumas empresas americanas atingidas pelas reformas do governo. Estes sectores, desde há algum tempo vinham a preparar o golpe de Estado. Procuram assim opor-se de maneira brutal ao povo e às suas lutas e a resolver as suas contradições de classe com a nova burguesia burocrática. Pensam acabar desta maneira com as liberdades democráticas burguesas, anular as reformas que lhes causam prejuizo e sobretudo reprimir as lutas das massas para fazer cair sobre elas o peso da grave crise económica em que está o país. Os factos que acabam de se passar confirmam o que afirmou nos diferentes documentos o Partido Comunista Revolucionário ao declarar que "o reformismo é a ante-câmara do fascismo".

O reformismo (particularmente o que põe a etiqueta de "marxista") agudiza pela sua demagogia as contradições de classe, cria ilusões, mesmo quando desperta as suas lutas, fechando-as ao mesmo tempo no legalismo e nas instituições burguesas, não pode dar ao povo uma orientação revolucionária proletária e desarma-o ideologicamente, politicamente e militarmente.

Durante este tempo, em reacção às reformas e com medo das massas, do marxismo autêntico e do socialismo, produz-se um reagrupamento e uma extrema agressividade dos sectores reaccionários.

As massas ficam assim (como um doente que recebeu um tratamento que não convinha) expostas a uma feroz contra-ofensiva dos seus inimigos de classe e à mercê de serem brutalmente reprimidos e massacrados...



Apesar da sua agressividade e das suas ligações com os putchistas, por intermédio das empresas americanas atingidas pelas expropriações, o imperialismo americano mantém-se numa posição de prudência frente ao governo chileno.

Joga diferentes cartas sem tomar posição aberta em relação a qualquer uma delas, com o fim de não aparecer como interveniente directo no Chile.

Tanto joga o golpe de Estado como o compromisso do governo com os dirigentes democratas cristãos, fieis servidores do imperialismo.

Fundamentalmente, ele procura reforçar o controle da nossa economia e aproveitar-se da grave crise económica e política existente no Chile, para no plano internacional desconsiderar o "socialismo" e o "marxismo" fazendo passar esta experiência reformista burguesa por socialismo e por marxismo.

De facto, os essenciais meios de dependência que interessam hoje ao imperialismo americano, mantêm-se ou reforçam-se. Se algumas empresas norte-americanas foram nacionalizadas, pagamo-las a bom preço e fizemos subir a nossa dívida externa até à soma astronómica de 4 milhares de milhões e 600 milhão de dólares, tornando-se assim o segundo país mais individado do mundo.

Não estão investidos somente importantes capitais na indústria manufatureira, mas estamos também dependentes em matéria de tecnologia e nas questões vitais como os combustíveis, as matérias primas, as máquinas, os stocks, etc. Mas isto não é tudo. As nossas ligações com o imperialismo chegaram a um ponto tal que para poder comer, dependemos cada vez mais dos seus créditos, sob a ameaça de enfrentar uma situação catastrófica de fome.

Em resumo, o imperialismo americano, visto não ser ferido pelo governo com uma política radical e anti-imperialista consequente que procurasse eliminar totalmente a nossa dependência, prefere não diminuir o seu prestígio como aconteceria se interviesse abertamente contra ele.

Ele conta com os efeitos da crise e o sucesso dos que, quer por um golpe de Estado, quer pela submissão do governo às suas exigências, procuram derrubá-lo. Não deseja, neste momento, comprometer-se através de uma intervenção aberta que o obrigaria a aparecer como o responsável do fracasso duma pretendida via democrática "para o socialismo".

#### AS FORÇAS ULTRA-REACCIONÁRIAS

As forças ultra-reaccionárias, reagrupa - das politicamente tanto no Partido Nacio-

NAL, Pátria e Liberdade, como nas diferentes corporações patronais e profissionais, são as mais duramente atingidas pelas reformas e expropriações. Por esta razão, elas aspiram derrubar o governo, reprimir o povo e recuperar o seu poderio económico. Não se pode negar que estas forças políticas atrasadas se reforçaram sob múltiplos aspectos. Aprenderam a agir de maneira clandestina e ilegal; utilizam profundamente a sua influência no Parlamento, nos tribunais e nas outras instituições burguesas; desenvolvem o mercado negro, a fuga dos capitais e outros meios que lhes permitem agravar a crise económica. Arnaram-se e criaram as guardas brancas bem treinadas como "Pátria e Liberdade", "Protecto", "Comando Holando Matus" e outros grupos paramilitares que efectuem atentados e sabotagens e se preparam para reprimir o povo. Aprenderam a utilizar muito eficazmente a propaganda, organizar acções de massa contra o governo e aumentaram a influência das corporações e associações patronais.

E, o que é ainda mais grave, foi reforçar a sua influência no comando das forças armadas.

Por outro lado, no terreno da actividade política agiram com uma grande habilidade — apresentam-se como os defensores da legalidade e das instituições, mas violam-nas permanentemente, organizando o putch. Dissimulam a defesa dos seus interesses através das palavras de ordem "nacionalistas", "corporativistas", e outras, no meio do arsenal demagógico do fascismo e empregam o cinismo chegando mesmo a apoiar os conflitos dos trabalhadores, se isso lhes permitir mobilizar forças contra o governo.

#### A DEMOCRACIA CRISTA

Perante a grave situação política e económica, a Democracia cristã joga as suas cartas de maneira prudente e hábil. Não quer confundir-se com os sectores ultra-reaccionários, mas (sobretudo os partidários de Frei) encoraja os putchistas e sobretudo, une-se à ofensiva corporativista, eleitoralista e parlamentar, contra o governo. A Democracia cristã aproveita as ofensivas rebeldes dos ultra-reaccionários para lançar um ultimato ao governo reformista burguês, com o fim de o tentar obrigar a transigir com eles para evitar o golpe de Estado. Ela teme que alguns sectores da extrema-direita consigam fazer um golpe de Estado militar que não lhe daria garantia para ela poder controlar constitucionalmente o governo, no futuro.

Por isso, esforça-se por não perder as suas ligações com os meios reaccionários, e

ao mesmo tempo, utiliza-as para fazer as negociatas de uma rendição do governo. Ao mesmo tempo, a Democracia cristã por acumular o descontentamento crescente das diversas camadas das massas atingidas pela crise, que recai principalmente sobre o povo. Utiliza e acumula também a exasperação das camadas médias, fortemente flageladas pela crise e pelas medidas aventureiristas do governo contra elas, para acumular forças de oposição sob a sua direcção. Para realizar estes objectivos, a Democracia cristã usa uma demagogia cínica, apresentando-se como "defensor" das camadas que oprimia quando estava no governo. Procura desta maneira a sua cumplicidade com os putchistas.

### O APARELHO DE ESTADO BURGUESES

Os esforços dos dirigentes revisionistas para desenvolver o capitalismo de Estado e para utilizar os mecanismos do governo afin de enfrentar a ofensiva ultra-reaccionária teve como resultado o reforço do aparelho de Estado burgueses. O essencial do poder económico foi concentrado num dos pilares do aparelho de Estado burgueses: o poder executivo. Introduziram-se legiões de burocratas nas empresas e reforçaram-se as intervenções do governo nas empresas privadas. Isto acontece no meio de choques agudos do Executivo com o Parlamento, os tribunais e outras instituições do Estado burgueses em que as forças de oposição de direita são dominantes.

Ao mesmo tempo apareceram, com votos do governo e da oposição no Parlamento, novas leis repressivas como a lei do controle de armas. Foram feitos esforços para alcançar uma maior dependência e subordinação das organizações sindicais e da massa em geral para com o governo.

O reforço do poder executivo no seio do aparelho de Estado burgueses reveste aspectos positivos e negativos, que variam segundo a situação política. Hoje, ao mesmo tempo que é a expressão da dura luta entre a nova burguesia burocrática reformista e os grandes exploradores, contribui para a agudizar. No futuro, um executivo forte será um obstáculo difícil para a conquista do poder pelo povo, o desenvolvimento do domínio de Estado da economia e o poder executivo farão compreender a largos contingentes de trabalhadores destas empresas, mobilizando-se contra a exploração, a necessidade de conquistar realmente o poder para resolver os seus problemas.

### AS FORÇAS ARMADAS

Produto da agravação das contradições de (entre o povo e o imperialismo americano; entre o povo e a nova burguesia burocrática; entre estes e o imperialismo e entre as diferentes camadas burguesas) assim como da crise económica que faz vacilar o sistema, as forças armadas pareceram uma vez mais, de uma maneira clara como os pilares do regime burgueses. Todos os sectores burgueses (tanto da oposição como do governo), ao mesmo tempo que violam a instituição e a legalidade burguesa, desde que isso corresponda aos seus interesses, acusam o outro de o fazer e reclamam a intervenção das forças armadas. Os ultra-reaccionários acusam o governo de se afastar da constituição em vigor e incitam as Forças Armadas a derrubá-lo; o governo, por seu lado, reclama o seu apoio contra as tentativas de revolta, os atentados e sabotagens da extrema-direita.

A crise política, assim como as festas e as taças de vinho que o governo ofereceu ao exército só conseguiram reforçar o seu papel de defensor do regime burgueses dependente que há no Chile.

Isto tornou ainda mais perigosa a importância crescente, sem cessar, que os sectores ultra-reaccionários desempenham.

O golpe de reprimenda de sexta, 29 de Junho, que teve certamente mais ramificações do que as que foram postas à luz, é a primeira demonstração que as forças armadas não são tão democráticas, apolíticas e fieis à constituição como se disse.

Com o desenvolvimento da luta de classes, assim como com a agravação das contradições entre os diferentes grupos burgueses, e alguns destes com o imperialismo americano, este, foi obrigado na América Latina a jogar a carta das forças armadas. Já na mensagem de Rockefeller era clara a importância que ele lhes dava nos momentos críticos. Quando a crise está mais agudizada passam do papel de guardas do regime para o de administrador directo.

É por isso que desde há anos lhe dá uma instrução especial, não só nas técnicas militares mas também em todos os domínios necessários ao funcionamento do Estado.

### O PODER POPULAR

Face ao novo ataque reaccionário, as massas revolucionárias, tanto ni interior como no exterior da Unidade Popular, mobilizaram-se uma vez mais. Efectuaram combativas manifestações de rua; confiscaram meios de transporte; ocuparam fábricas; e além disso, fizeram esforços para se armarem e se

prepararem para combater. A razão de isto, é que o povo compreendeu que o putch ultra-reaccionário visa não só as novas camadas da burguesia burocrática e reformista que dirigem o governo, mas também, e fundamentalmente, as suas próprias organizações, os seus direitos e interesses de classe.

Os dirigentes revisionistas, que se opoeram sempre às iniciativas, às formas organizativas e às acções combativas de massas (cordões industriais, comandos de comunas, armamento das massas), aparecem hoje, a apoiar estas formas organizativas. Fazem-no com um duplo fim. Por um lado, para não serem isolados e para impedir que daí resulte uma verdadeira direcção revolucionária proletária, que partindo dos interesses materiais e políticos das massas, conduza a uma luta para conquistar o poder. Por outro lado, para fazer pressão sobre os que procuram derrubar o poder e obter da Democracia cristã um compromisso vantajoso, encontrando nos limites do sistema actual uma saída da crise política e económica. No melhor dos casos, propõe-se somente defender o governo actual e o seu programa reformista burguês, e nunca em nenhum caso pôr a base dum programa realmente revolucionário que conduza a uma verdadeira conquista do poder pelo povo.

Alguns sectores dirigentes da Unidade Popular ou ligados a ele, sendo sempre influenciados por tendências trotskistas ou castristas, avançam mais alguns pontos de programa mais avançados e esforçam-se por mobilizar as massas perante a ameaça do putch. Isto oferece largas possibilidades de unidade de acção com eles. Mas, devido à sua ideologia pequeno-burguesa, vão do oportunismo ao aventureirismo, do sectarismo ao espontaneísmo para mobilizar as massas. Por um lado, compreendem a necessidade de mobilizar as massas, mas por outro, deixam-se arrastar pelo sectarismo dos revisionistas que aspiram controlar de maneira exclusiva os organismos de massa para os pôr ao serviço do governo. Por um lado, lançam palavras de ordem mais avançadas, como de não pagar indiminizações e de não pagar a dívida externa, mas por outro, contentam-se com um simples apoio ao governo reformista burguês.

Por um lado, reconhecem a necessidade de se prepararem para combater e evitar assim um golpe de Estado ou um compromisso; mas por outro, espalham entre as massas uma perigosa ilusão que consiste em fazer crer que organismos que podem ser utilizados como instrumentos na luta pela conquista do poder, seriam já a expressão de um "poder popular" paralelo ao poder burguês.

O verdadeiro poder popular só existirá quando for arrancado das mãos dos reaccionários, esmagando as forças armadas que os defendem. Pretender que o poder popular

se possa proclamar auto-proclamando-se como tal, é uma posição aventureirista que conduzirá as massas a sofrer uma grave derrota por parte das forças repressivas bem armadas e treinadas; ou melhor, não passa de um bluff destinado a obter concessões e a transigir para apresentar o poder actual como a expressão do "poder popular".

#### A ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA

A condição de uma real alternativa revolucionária consiste em colocar, sem sectarismo de qualquer espécie, todas as forças populares sob uma orientação revolucionária correcta. Esta orientação supõe em primeiro lugar, desembarassar-se de uma vez para sempre das ilusões legalistas e reformistas segundo as quais é possível vencer os inimigos do povo respeitando a legalidade burguesa, pensando que é possível ir para o socialismo conservando o sistema actual e submetendo-se às suas instituições e leis reaccionárias. Isso exige que se rejeite a ilusão de que o poder popular — sem força armada eficaz — poderia desenvolver-se como um "germe" ou uma "planta" no seio do poder burguês que cederia posições, e se estenderia progressivamente sem ser esmagado. A ideia de desenvolver progressivamente o "poder popular" é uma nova versão do reformismo, sobre um terreno ainda mais perigoso que o das reformas políticas e sociais.

Pode-se e deve-se desenvolver, preparar e armar seriamente órgãos de luta para a tomada do poder, completamente conscientes de que não têm o poder, e que terão de combater para o conquistar. Uma orientação revolucionária exige que se desmascare e isole os dirigentes revisionistas e reformistas que mostram ares combativos para negociar em boa posição com a Democracia cristã e manter até onde lhe permita a actual política reformista burguesa, incapaz de enfrentar a contra-ofensiva reaccionária e cujos efeitos recaem sobre os ombros do povo. Necessita de apoiar-se e orientar a iniciativa das massas pela defesa dos seus direitos materiais e políticos, afim de ultrapassar os limites das lutas reivindicativas e legalistas, e, combatendo a exploração, pôr no seu lugar um programa realmente revolucionário e organizar a luta revolucionária pelo poder.

Não se pode qualificar a mobilização dos trabalhadores que se defendem contra a fome e a miséria levadas ao extremo pela crise, de "economia sem princípios".



Pelo contrário, a luta das massas para melhorar os seus salários, para travar as subidas de preço, para a alimentação... **ATRÁVÉS DOS PRINCÍPIOS DE UM PROGRAMA REVOLUCIONÁRIO**, deve ser um poderoso afluente na luta contra os putschistas, para desenvolver a crise com medidas revolucionárias, e avançar para a tomada do poder. Se estas reivindicações das massas são ignoradas ou combatidas, à medida que se intensifica a crise, os demagogos da Democracia cristã e as outras forças reaccionárias conseguirão melhor enganar o povo.

Além disso, se os trabalhadores das empresas médias e pequenas fossem completamente mobilizados, é preciso combater a política aventureirista que consiste em derrubar os pequenos proprietários como se faz com os monopolistas, atirando-os assim para os seus braços. Deve-se tentar neutralizá-los e dar-lhes garantias a fim de isolar os exploradores mais poderosos. Por outro lado, a frente única dos ultra-reaccionários reforçar-se-á e a crise económica que recai sobre o povo agravar-se-á. Esta política aventureirista que flagela as pequenas e médias empresas é a contrapartida de uma política conciliadora do reformismo com os grandes exploradores.

#### UNIR AS LARGAS FORÇAS PARA A LUTA

A luta pela conquista do poder, a que os reaccionários e o imperialismo se opuseram por todos os meios incluindo as armas, deve ser uma luta de todo o povo, resoluta e firme mas não aventureirista. Deve partir do princípio que os inimigos a derrubar (entre os quais se encontra um agressor brutal como o imperialismo americano) são muitos poderosos e influentes; têm forças armadas regulares ao seu serviço e governos na América Latina e no resto do mundo que os apoiam. **PARA OS VENCER, É PRECISO UMA LUTA PROLONGADA E NÃO SERÁ POSSÍVEL ESMAGÁ-LOS POR UMA INSURREIÇÃO DE CURTA DURAÇÃO.**

No decurso desta luta prolongada em que o povo se deve armar seriamente e adquirir a experiência do combate armado, enquanto que as vantagens a favor do povo aumentam, as contradições agudizam-se no campo do inimigo. É necessário por isso evitar os recontros "decisivos" que procurará o inimigo para se aproveitar da sua superioridade inicial em armas e em experiências militares, com o objectivo de destruir as forças populares. A inferioridade estratégica inicial do povo em matéria de armamentos e de experiência de combates deve ser compensada travando somente batalhas em que haja superioridade tática, de maneira a aniquilar o inimigo por parces

las.

Os dias que vêm serão seguramente duros. O inimigo de classe não abandonará de boa vontade a defesa dos seus interesses e de oprimir o povo para descarregar sobre ele a crise.

O golpe de Estado reaccionário não foi conjurado. Não se pode ter nenhuma confiança nas forças armadas criadas e controladas pela burguesia. Por outro lado, "a oposição" às ameaças putschistas, se não repousar sobre uma profunda mobilização revolucionária do povo, sobre uma marcha autêntica pela conquista do poder, repousará sobre compromissos que tornarão ainda mais duras as condições de vida do povo.

O povo deve unir-se urgentemente para combater a fundo os seus inimigos: o imperialismo U.S. e a grande burguesia monopolista da cidade e do campo. Não se



pode pretender unir todo o povo para combater e esmagar os inimigos principais, aceitando e submetendo-se à divisão entre oposição e governo. Além disso entre as forças influenciadas pelos partidos da oposição e por entre as que são influenciadas pelo

governo, há milhões de pessoas que deverão unir-se sob uma direcção proletária correcta. O grupo reformista que dirige o governo, inspirado pelo mesquinho interesse de se manter lá, flagela sem distinção trabalhadores e camadas médias que se deverão unir contra os grandes exploradores. Assim, lança-os nos braços do inimigo. Por outro lado, o punhado de dirigentes reformistas e reaccionários da Democracia cristã, embora estando de acordo com algumas reformas, desejam que a crise se aprofunde e o governo caia, para voltar a administrar o governo, a fim de melhor servir o imperialismo e também em função dos seus interesses de classe.

Só a unidade revolucionária do povo pode realizar um programa com medidas decisivas contra os principais exploradores, com vantagens para os trabalhadores e com garantias para as camadas médias que as afastem da influência ultra-reaccionária. Só a unidade, abandonando a ideia de que os grandes exploradores aceitarão pacificamente e no quadro da sua legalidade ser expropriados, pode agir de acordo com esse facto mobilizando largamente o povo.

## chile conclusão

O núcleo de unificação do povo deve ser constituído por essas forças, no interior e no exterior da Unidade Popular e também das camadas radicalizadas que estão sob a influência dos partidos da oposição, que compreendem que para fazer fracassar o golpe de Estado fascista, bem como as tendências que querem impedi-lo por compromissos sobre as costas do povo é necessário mobilizar-se para derrotar a resistência armada do adversário. As divergências sobre o modo de organizar esta luta e sobre uma plataforma comum que una o povo, devem ser discutidas durante a unidade de acção destinada a organizar a luta popular para cortar o caminho ao golpe de Estado, impedir os compromissos reaccionários e avançar para a conquista real do poder. Muitas dúvidas e erros se corrigirão na própria prática e no combate para dar as mãos e depois esmagar os autores do golpe. O

que deve ficar claro em todos os casos, é que essa unidade revolucionária não pode ser dirigida pelos reformistas, pelos hesitantes, por aqueles que sonham derrubar o golpe fazendo concessões aos reaccionários, e às suas leis, mantendo um programa e um estilo de luta reformistas.



# ESCUTA AS EMISSORAS REVOLUCIONÁRIAS



(EM ONDAS CURTAS)

### RÁDIO TIRANA

das 0h	à 1h	em 31 e 42 metros
das 2h	às 3h	em 31 e 42 metros
das 8h	às 8h 30m	em 31 e 49 metros
das 11h	às 11h 30m	em 25 e 31 metros
das 22h 30m	às 23h	em 31 e 49 metros

### RÁDIO PEQUIM

das 21h	às 22h	em 25 e 41 metros
---------	--------	-------------------



## VIVA A REPÚBLICA POPULAR DA ALBÂNIA



Na passagem, a 29 de Novembro, do 29 aniversário da Libertação da Albânia e da Instauração da DEMOCRACIA POPULAR saudamos calorosamente o Povo Albanês, o Governo da República Popular da Albânia, a Classe Operária Albanesa e o seu Partido do Trabalho, encabeçado pelo camarada Enver Hoxha, que empunha a bandeira do marxismo-leninismo.

Durante os 29 anos decorridos desde a Libertação, o povo albanês sob a direcção do Partido do Trabalho com o camarada Enver Hoxha à frente, fez fracassar as conspirações e manobras dos inimigos internos e externos, enfrentou as dificuldades e provas, intensifica a Revolução e a construção socialista, convertendo num curto período de tempo o seu país dantes atrasado, em país socialista desenvolvido.

"A luta de Libertação Nacional do povo albanês sob a direcção do Partido é a epopeia mais brilhante da história secular da Albânia, lutando contra os ocupantes fascistas italianos e nazis e contra a burguesia interna exploradora, o povo albanês fundou a República Popular e converteu-se em senhor do seu próprio destino, conquistando de uma vez para sempre a Liberdade e a verdadeira Independência, encaminhando-se na construção do socialismo. A vitória do povo albanês mostra que um povo pequeno lutando por uma causa justa, dirigido por uma vanguarda revolucionária como o Partido do Trabalho da Albânia, com a sua luta e apoiando-se nas suas próprias forças, pode conquistar a vitória sobre os seus inimigos, por maiores e mais poderosos que eles sejam.

Com base na justa linha do Partido do Trabalho, em todo o país se consolidou o poder popular como forma da ditadura do proletariado. Foram desbaratados todos os esforços dos inimigos internos e externos do povo albanês e foram defendidas decididamente as vitórias conquistadas para a Independência da Pátria.

A Albânia transformou-se num país de indústria moderna e agricultura socialista. O ensino, a cultura, as ciências e a arte do realismo socialista desenvolveram-se em tais proporções que não se pode comparar com o passado, colocando-se ao serviço do povo." (extrato de um discurso pronunciado na Albânia por um camarada do P.T.A. no dia 29 de Novembro na comemoração do 29 aniversário da Libertação.)



## CHINA na O.N.U.

Passou em Outubro o 2º aniversário da entrada da República Popular da China na O.N.U.

Esta foi mais uma vitória alcançada pela República Popular da China no plano internacional, derrotando as forças reaccionárias de Tchiang Kai-chek que foram obrigadas a retirar-se da ONU.

A entrada da República Popular da China para a O.N.U. representa um abalo para o imperialismo e para o revisionismo. A partir de então, os povos explorados e oprimidos do mundo inteiro têm na O.N.U. mais um amigo na luta contra a hegemonia das super-potências, a apoiá-los, a defendê-los e a ajuda-los a varem-se das garras do colonialismo, do imperialismo e do social-imperialismo que os pretendem dominar e explorar e ameaçam permanentemente os povos com guerras criminosas.

VIVA A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA !

## CRIME COMUM E NÃO POLÍTICA

Na noite de 31 de Outubro para 1 de Novembro a fábrica Metal-Arte do Jornal, mais conhecida por fábrica da Massadas, em Águeda, foi assaltada, roubada e incendiada.

Os bandidos mataram a tiro um cão de guarda, roubaram cerca de 10 contos tendo arrombado os cofres com um maçarico da própria fábrica, queimaram todos os livros da escrita, dentro do próprio escritório, fizeram explodir a botija de acetilino que incendiou o edifício dos escritórios e assassinaram a tiro de caçadeira o guarda da fábrica, que dormia num quartito, quando este se preparava para ver o que é que se passava. Esse guarda da fábrica era um humilde trabalhador que ganhava desse modo o seu salário, nada tinha a ver com os negócios dos patrões.

Os bandidos, antes de fugirem da fábrica incendiada, assinaram com tinta sobre uma parede: "Frente de Libertação Nacional".

Se não fosse essa assinatura os comunistas nada teriam a ver com esse caso de crime, mas assinaram a sua acção criminosa com um nome que pretende representar a existência de qualquer organização política revolucionária, os assassinos ultrapassaram as fronteiras do delito comum e fizeram uma provocação perigosa contra as organizações políticas revolucionárias, contra o povo e contra os comunistas, vanguarda da classe operária e da Revolução Popular.

Em toda a região, onde a fábrica é conhecida, onde os seus operários são conhecidos, o incendio, o roubo, e o assassinato foram muito falados. O povo discutiu, procurou saber a verdade, e informar os que ainda não sabiam. A questão da assinatura lançava confusão e mais perigoso ainda, servia os interesses políticos da burguesia exploradora e opressora do povo pois semeava nas massas populares da região, nos operários e camponeses o ódio contra os "revolucionários" que eram capazes de cometer crimes desses.

Salvou a situação, a atitude dos operários mais conscientes e dos comunistas que no seio das massas esclareceram o carácter criminoso, anti-revolucionário e anti-popular da quadrilha é duplamente criminoso porque além de matar cobardemente um trabalhador indefeso causou prejuizos à revolução do povo, à Revolução popular, porque ao porem a assinatura "Frente de Libertação Nacional" querem fazer-se passar por revolucionários; ora os revolucionários autênticos não fazem acções dessas.

Os verdadeiros revolucionários lutam para acabar com a exploração e a miséria do povo. Mas estas não acabam por se andar para aí a queimar fábricas e matar trabalhadores.

A exploração e a miséria só acabarão quando o povo fizer a Revolução Popular unido, organizado, armado e dirigido pelo Partido do Proletariado.

Na luta pode haver necessidade de queimar fábricas e outras coisas; mas isso têm de ser acções feitas pelo povo e decididas pelas organizações populares e têm de servir os interesses da luta do povo.

Esta acção foi feita numa situação completamente diferente, por uma quadrilha de gatunos contra os interesses do povo.

### AS FÁBRICAS HÃO-DE SER NOSSAS .

Os operários é que as construíram, os operários é que as fazem produzir, toda a classe operária é que deve ser dona das fábricas. Se hoje os donos das fábricas são os patrões é porque eles roubam tudo à classe operária.

Se não fosse a classe operária algum patrão teria uma fábrica? As fábricas não se constroem sôzinhas e não são os patrões que as fazem e o dinheiro que eles têm também não é ganho com o seu trabalho, é roubado aos operários e a todo o povo explorado.

Os comunistas são contra isto, é por isso que são atacados perseguidos e difamados pelos ricos, pelo seu governo, pela sua rádio, pelos seus jornais, pela sua televisão. Mas os comunistas não têm medo de nada disto, pois têm a certeza que defendem os interesses da classe operária e do povo, que mais tarde ou mais cedo se levantará unido para deitar abaixo todas essas quadrilhas de gatunos que exploram e oprime, e um mundo novo nascerá, fruto do trabalho livre e feliz dos operários, dos camponeses, e de todos os outros trabalhadores.

**ABAIXO OS ASSASSINOS ! MORTE À PIDE ! O FUTURO PERTENCE-NOS ! AS FÁBRICAS SERTÃO NOSSAS ! O POVO UNIDO E ORGANIZADO VENCERÁ ! EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR ! PELO COMUNISMO !**

(Panfleto distribuido em Novembro pela Célula de Águeda - Aveiro, do Comité pro-Partido da Região Centro da O.C.M.L.P. (O Grito do Povo)

CDP: Tiveram dificuldades em desertar?

A.S.: Tivemos certas dificuldades em desertar mas embora com sacrifício tudo se organizou. Os nossos projectos de deserção começaram em Lisboa quando o Alberto Veríssimo foi obrigado a cumprir mais 2 anos de serviço militar depois de já ter cumprido o tempo obrigatório. Isto poderia vir a acontecer também comigo. Como andávamos em manobras da NATO, a nossa única possibilidade era desertar para um país que não pertencesse à NATO. Foi portanto na Dinamarca que pusemos em prática os nossos planos de deserção para a Suécia. As dificuldades não foram pequenas, pois até nos proibiram de vir visitar a Suécia.

Claro que desobedecemos a estas ordens e foi assim que em Malmo contactámos e obtivemos apoio de portugueses que encontramos e do CDP de Malmo/Lund.

Depois destes contactos, voltamos ainda a bordo e espalhamos a notícia por mais alguns camaradas. Primeiramente desertamos só três de Copenhague. Uma das dificuldades foi que um dos camaradas estava preso a bordo e outro detido e de serviço. Por isso não pudemos sair legalmente pela "prancha", onde estão os guardas de sentinela, e tivemos de nos arriscar a ser alvejados a tiro fugindo por uma corda.

Depois de nós, mais dois camaradas seguiram o nosso exemplo quando a fragata voltou a atracar em Fredrikshavn.

A.T.: Também tive dificuldades em desertar, mas, ao saber que os três primeiros camaradas tinham conseguido, julguei que era a altura de o fazer também. E assim todos nos sentimos bem e em segurança.

CDP: Como era o ambiente a bordo?

A.S.: Era insuportável. Eramos tratados como escravos. Mas nós fomos apercebendo que andávamos ao serviço do colonialismo e dos imperialistas.

Se no princípio muitos de nós andávamos enganados, fomos aprendendo a ver as coisas. Assim por exemplo posso contar o que aconteceu na Holanda. Era para atracar-mos em Amsterdão mas não chegamos a atracar porque estavam previstas grandes manifestações contra a NATO e contra o colonialismo português. Fomos para outro porto holandês e apesar das dificuldades impostas aos manifestantes eles ainda obtiveram grande êxito. A bordo do navio reinava um ambiente de medo. Os oficiais e sargentos ricos diziam-nos que quando saíssemos a terra não devíamos dizer que éramos portugueses mas sim espanhóis. Estivemos de prevenção com mangueiras de água para dispersar as tentativas de manifestação.

E éramos nós obrigados a estar de sentinela contra os manifestantes.

Os fascistas obrigam-nos a defender os interesses deles. Eles sabem bem que estão a fazer uma guerra injusta e condenada à derrota.

A.L.: A comida era muito mal feita para nós, marinheiros, e davam-nos muitas vezes comida estragada. Em Fredrikshavn cerca de vinte marinheiros tiveram de ir tratar-se ao hospital por sofrerem de escorbuto como resultado de falta de vitamina C. Entretanto a comida dos oficiais é diferente e organizam banquetes a bordo constantemente. E era depois desses banquetes que alguns soldados eram autorizados a comer os restos!

Eu tive também muitos castigos injustos e por isso já não respeitava os sargentos e oficiais ricos. Eles já não me podiam ver a bordo, pois eu não tinha medo de discutir com eles.

Eu acho que procedendo assim estava fazendo agitação a favor da luta revolucionária contra os sistemas fascistas.

A.S.: Eu ainda quero acrescentar uma coisa que nos fazia a vida ainda mais difícil a bordo. É que os oficiais e sargentos fascistas para nos desunirem e sabermos as nossas conversas tratam-nos de modo diferente a bordo. Assim, não tratam tão mal aqueles que fazem de bufos e de engraxadores, e aos outros tratam-nos dos modos mais humilhantes e como se não fossem seres humanos.

Eu sempre simpatizei com as lutas revolucionárias e estes bufos e engraxadores causam-me tanto espírito de revolta que uma vez tive de andar à pancada com um deles que me tinha denunciado e mandei-o para a enfermaria.

(Esta entrevista foi extraída de "GUERRA À GUERRA" - Boletim do Comité de Desertores Portugueses na Suécia - do no. 7 de Outubro de 1973)

# LÊ DÍVULGA APLICA O MANIFESTO DOS SOLDADOS PORTUGUESES

# VIVA A ALIANÇA REVOLUCIONÁRIA DO POVO PORTUGUÊS E DOS POVOS DAS COLÓNIAS!

ENTREVISTA (extrato) FEITA PELO COMITÉ DE DESERTORES PORTUGUESES NA SUÉCIA AOS CINCO MARINHEIROS QUE EM SETEMBRO PASSADO DESERTARAM NA DINAMARCA DA FRAGATA ALMIRANTE MAGALHÃES CORREIA.

CDP : Porque desertaram?

A.V.: Queriam obrigar-me a cumprir mais 2 anos de tropa do que os obrigatórios e com a possibilidade de ser enviado para a Guerra Colonial com a qual não concordo, pois é uma guerra injusta que oprime os povos das Colónias e vai contra os interesses dos trabalhadores portugueses. Foi também como protesto político que eu desertei.

A.S.: Eu estava mobilizado para a Guiné-Bissau e deveria embarcar entre Outubro de 1974. Iria combater numa guerra injusta e defender os interesses dos fascistas e dos capitalistas.

A.T.: Fui alvo de muitos actos de discriminação racista por parte dos oficiais e sargentos por ser africano. Sou contra o colonialismo e o fascismo e logo que soube que ia ser enviado para a Guerra Colonial em Angola, combater o próprio povo a que pertence, (eu próprio dou de S. Tomé, mas vivi muito tempo em Angola) não vi outra hipótese senão desertar.

Sou a favor da luta de Libertação dos povos africanos. Tive ainda oportunidades de assistir em África ao tratamento como escravos a que eramos sujeitos. Depois também fui tratado de forma humilhante na Marinha durante o tempo de tropa. Tinha sido também castigado injustamente.

A.L.: A minha revolta contra a opressão política a que eramos sujeitos na Marinha vinha crescendo de há muito tempo e eramos muitos os que assim pensávamos. Estava portanto decidido a desertar logo que tivesse uma oportunidade. Soube ainda que nos últimos anos de tropa que me faltavam seria enviado para a Guerra Colonial. Os fascistas portugueses fazem uma guerra criminosa tentando adquirir as riquezas africanas que não lhes pertencem.

Todos os que desertam, fazem greves ou combatem o fascismo e o colonialismo estão a lutar pelos interesses dos trabalhadores de Portugal e das Colónias.

(continua na página anterior)

ALBERTO JOSÉ VERÍSSIMO, 21 anos, electricista - ANTÓNIO ANTUNES SANTOS, 20, mecânico  
DAMIÃO PINTO MONTEIRO, 23 anos, tipógrafo - ALFREDO MANUEL TRINDADE, 19  
ANTÓNIO ARRISCADO LEITÃO, 21, operário da construção civil

